

MARIA HELENA VENTURA

# Desculpe SR. NOBEL

*Este livro não segue as normas do novo Acordo Ortográfico*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina



À memória de Alfred Nobel



*“Toda a palavra dita é falsa. Toda a palavra escrita é falsa.  
Toda a palavra é falsa. Mas o que existe, sem palavras?”*

— Elias Canetti, Prémio Nobel de Literatura 1981



## I.

O homem continua a segui-la pelo edifício central do aeroporto de Arlanda, nos arredores de Estocolmo. Com a pasta negra debaixo do braço esquerdo, a mão direita a puxar a grande mala de viagem, corre como se quisesse disputar-lhe o lugar na fila de autocarros em frente do terminal.

Antes de alcançar a porta, a jovem muda de ideias, simulando inverter a marcha rumo às lojas do Sky City. Tem os olhos fixos no elevador que liga à plataforma do Arlanda Express, a mais cara e a mais veloz de todas as ligações para o centro da capital: leva vinte minutos a chegar.

Pouca sorte, o último acaba de sair, conforme informação nos painéis electrónicos. Agora só deve poder embarcar dentro de um quarto de hora, se não houver mais contratemos. Avista-o. A figura do indivíduo irrompe da nuvem de passageiros de diferentes latitudes que escolhem os vários meios de transporte para Estocolmo.

Desconforto, é o que sente, os olhos como sentinelas a medirem quantos passos ele dará até à abordagem. Não lhe inspira confiança, nem repulsa, é só o instinto a dizer-lhe que é melhor correr para o exterior e tomar lugar na fila para o Flygbussarna, o vaivém que estabelece ligação com o coração da cidade de cinco minutos, nas horas de maior tráfego aéreo.

O estranho não desiste. Quando ela se vira para trás, está ele a pouca distância, numa marcação cerrada. Não há animosidade no seu rosto, é uma nuvem no olhar, um aviso silencioso. De repente dá por si a escapar-lhe sem saber para onde vai, numa corrida ansiosa. Já não pode tomar o rumo da linha 583 para a estação ferroviária de Märsta, donde saem mais comboios para o centro de Estocolmo. Só lhe resta confiar na autonomia dos passos. E vê-se diante do balcão do Flygtaxi para saber o preço fixo da corrida.

Lá fora não avista o indivíduo, na fila de autocarros já não está. Tão depressa quanto os volumes permitem, avança até ao primeiro táxi estacionado um pouco à frente do limite. O motorista sai para lhe arrumar

a bagagem, indica-lhe o banco traseiro, empurra a porta empenada pela segunda vez, com mais força. É moreno, de olhos azuis, com um bigode negro farfalhado. Pergunta-lhe alguma coisa, não obtém resposta. E resolve pôr o carro em movimento.

A jovem deixa-se escorregar pelo assento. Põe a mão no braço esquerdo para medir as pulsações: o coração dispara como um cavalo. Naquele momento só quer sair do alcance visual do estranho que tem uma fixação qualquer com ela. Notou-o no aeroporto da Portela, quando lhe levantou a mala do chão no momento do *check-in*. Ainda se lembra do acento no inglês que falava. Voltou a dar por ele quando fizeram escala em Copenhaga, mal puxava a maleta da cabine.

Pareceu-lhe um cavalheiro, nos modos e no trajar. Mas o pormenor do boné de lã puída não conjugava com o resto. Nem a obsessiva análise que fazia do seu rosto, como se estivesse enfeitado por um pormenor qualquer. Seria louco? Era só o que faltava.

O motorista encosta o veículo ao passeio, escassos metros à frente. Repara no olhar azul intenso a fixá-la pelo retrovisor, na mão levantada em interrogação

*Ainda não me disse o seu destino, minha senhora...*

*Tem toda a razão... Gamla Stan, por favor*

Apesar de se exprimir em português, não é impedimento para ele continuar a pronunciar-se num inglês aceitável, agora com um sorriso

*E qual das ilhas, se não se importa?*

*Desculpe, esqueço-me sempre que Riddarholmen também faz parte do bairro. Quero ir para Stadsholmen, é claro*

*Algum hotel conhecido?*

*Não... ao pé da estação de metro devem estar à minha espera*

*Vem em passeio... em trabalho? A voz tem entoações agradáveis*

*Em passeio e em trabalho... junto sempre o útil ao agradável*

*O nosso Nobel responderia da mesma forma... dizendo a verdade a brincar*

## II.

**T**erminal de Värtahamnen, Oriente de Estocolmo. O M/S Silja Festival da exploradora Tallink acaba de chegar ao cais à hora prevista. Os passageiros provenientes de Riga percorrem as longas passadeiras metálicas de curvas e contra-curvas, ora descendo ora subindo, até à zona de identificação, depois as escadas rolantes para a porta de saída.

Uma aragem fria roça a cabeça do estrangeiro que se detém no portal. Levanta os olhos para o céu carregado de nuvens negras. Um tropel de cavalos, um risco de fogo, anunciam tarde de chuva, mas que importa, se chegou à terra onde Flora e Zéfiro mitigam os Invernos? Faz o varrimento ocular do recinto ocupado pelos dois autocarros de turismo, meia dúzia de automóveis, dois táxis semi-escondidos pelas viaturas maiores, o de modelo mais recente com o motor a trabalhar.

Ao volante está um motorista sem uniforme, jovem e louro como os extensos trigais de Puglia. Distraído a remexer uns papéis? Puro engano. De pálpebras descaídas, os olhos espreitam sob os cílios louros, seguindo atentamente os movimentos do passageiro alto, moreno, a puxar a mala azul-cobalto. A fila vai encurtando. O estrangeiro ocupa agora o primeiro lugar. Rápido como ave de rapina, o rapaz do táxi manobra para dar a volta, apitando atrás de outra viatura já pronta para a corrida

*Hej* — grita, deitado sobre o lugar da direita, saudando o viajante como se tivessem combinado previamente o serviço. O estrangeiro hesita, depois esboça um sorriso. Nada intrigado com a abordagem, dispensa o primeiro táxi, dá uns passos à retaguarda. O novo motorista estaciona no lugar do anterior, rente ao bordo do passeio, abre-lhe a porta de trás, vai recolher a bagagem. O cliente instala-se no banco com um sorriso enigmático. Agora sentado ao volante, o rapaz ajeita o espelho, passa a mão pelos cabelos lisos. Prepara-se para deixar o recinto quando o cliente, sorrateiro, se inclina para a frente e lhe roça o ouvido

*Desculpe, quem lhe pediu que viesse?*

O outro já devia estar preparado para a pergunta

*O seu contacto em Estocolmo*

*Essa agora...* — murmura o estranho, registando o inglês perfeito do rapaz.

Admira-lhe o perfil bem delineado, a linha fina dos lábios. Tem a gola da camisa impecavelmente limpa sob o pulôver azul, o cabelo bem aparado. Mas o sobrolho de repente carregado mal começa o percurso pela Södra Hamnv define claramente uma barreira entre ambos. O indivíduo de ar latino não desiste, parece apostado em provocá-lo. Depois de vasculhar os bolsos estende-lhe as costas de um cartão-de-visita com a morada de um hotel

*Esqueci-me de perguntar; peço desculpa* — balbucia o rapaz muito corado

*Então o meu contacto não revelou aonde eu ia ficar?*

*Por acaso não definiu esse pormenor*

O passageiro sorri, recostando-se comodamente no banco. Identificara-o mal ele gritara *hej*. Claro que já devia conhecer em detalhe o programa da sua estadia em Estocolmo, o hotel em que havia de hospedar-se. Provavelmente estaria atento às suas andanças pela capital já da última vez, instruído para não o perder de vista custasse o que custasse.

Levanta os olhos para pensar melhor. Ampliar o alcance visual ajuda a projectar a viagem da mente. Detém-se na copa avermelhada das árvores, no tecto de nuvens densas como fragas. Fala do tempo instável, para quebrar o gelo da interacção

*O tempo está mudado, sinto o vento frio de Outono, mas a cidade deve pulsar de vida com o próximo anúncio dos prémios, não é?*

O motorista não responde. Ainda de semblante fechado trava para meter outra mudança. O latino não desarma

*Aposto que o Grande Hotel já está lotado para os primeiros dias de Dezembro...*

Nada, só o barulho discreto do motor do automóvel. Ainda envergonhado do deslize de há pouco, o condutor vai espiando o cliente, ao mesmo tempo que é espiado por ele num jogo de gato e rato.

### III.

Ou o homem do bigode não é grande condutor, ou distrai-se facilmente com a paisagem dominada pelos tons dourados de Outono. De vez em quando, apesar da regularidade do piso, tem de corrigir a direcção com guinadas à esquerda e à direita, obrigando a passageira a uma ginástica rápida para manter o equilíbrio.

Estão quase vencidos os cerca de quarenta quilómetros entre Arlanda e a cidade. Só falta atravessar a Centralbron, uma das mais de cinquenta pontes que ligam entre si catorze pequenas ilhas sobre as quais edificaram Estocolmo. Um país colorido como os livros infantis, suspenso de nuvens espessas, reflectido no espelho das águas. Do alinhamento ordeiro de construções em tom ocre e avermelhado, destacam-se os telhados verdes de monumentos famosos, torres pontiagudas como lanças a desafiarem o céu.

À direita, na ponta sudeste de Kungsholmen, a Stadshuset é um dos mais carismáticos, marcando a paisagem calma da baía de Riddarfjärden. Imponente massa arquitectónica de tijolos vermelhos, cerca de oito milhões, exhibe a bela torre quadrada de mais de cem metros de altura, rematada por uma agulha dourada suportando as três coroas do brasão real.

A rapariga cerra os olhos para fixar pormenores, como a lente de uma câmara que retivesse só o essencial. Perder-se-ia de novo neste cenário de beleza singular se o som de uma mensagem no telemóvel não riscasse a quietude. Palavras estranhas, dispostas telegraficamente no visor, letras brilhantes que ganham autonomia numa dança que o cansaço agita. Lê-as, esmagada pela perplexidade

*BEM-VINDA A ESTOCOLMO HOJE NA AULA MAGNA DA UNIVERSITETET FRESCATI INFORME-SE VIRÃO ESCRITORES E JORNALISTAS*

Não tem remetente, não conhece o número. A voz do motorista, de repente interessado de mais, arranca-a da fixação do ecrã

*As mensagens já chovem mal chega a Estocolmo, nej?*

Ela esboça um sorriso forçado, sem vontade de partilhar o conteúdo

*É verdade... mal chego já tenho gente a saudar-me*

*Veio então para o anúncio dos prémios...*

Ignora-o. Nem ela sabe exactamente porque veio tão cedo, porque corre a fazer as malas em outras ocasiões quando nenhum dever lho impõe. Ideias, lembranças, labirintos... longínquas palavras a ressoarem-lhe nos ouvidos: *Que buscais nas pedras, na água? Lendas, estórias, a História? Procurai-as nas rugas dos mais velhos. Uma Atlântida sob o mar azul? Talvez outros continentes se tenham perdido nos mares, talvez outros mares tenham secado nos desertos. O sol brilha, o vento sopra, a chuva cai. O Tempo em constante mutação, ciclicamente igual ao fim de tudo. Nada é novo, só a inquietação dos homens é maior...*

Falas de um ancião sentado à entrada do teatro de Epidaurou, com as mãos em concha a proteger os olhos. Era a sua segunda viagem ao Peloponeso. Hegel diria algo semelhante sobre a Natureza: *nada é novo*. Quem a contacta agora, o que vem fazer, tão cedo? Apanha o olhar do condutor a esquivar-se pelo espelho, mas a beleza da paisagem envolvente desvia-lhe as atenções.

O táxi desliza agora pela orla ocidental de Gamla Stan, abaixo do traçado sinuoso das ruas estreitas do bairro. A tarde escureceu, manchada por farrapos de gaze pardacenta, como se fantasmas acabassem de acordar das profundezas das águas para um abraço sufocante ao coração da cidade. Sobranceiras à linha de água misturada de Báltico e Mälaren, as casas parecem envolvidas por uma pátina cinzenta, como esboços de uma galáxia desconhecida.

À entrada da Mälartorget o táxi é obrigado a parar, aguardando a manobra de um autocarro. Ela procura na mala o espelho e o batom para retocar os lábios. Encosta a cabeça ao banco, cansada da viagem. Paisagens lisas, sem acidentes, como as planícies do Alentejo coalhadas de ouro. Tem saudades dessa imensidão, tantas como das vertentes aprumadas das serras do Norte e Centro de Portugal.

Os tempos mortos de uma tarefa vivem, também, na energia assim recuperada para alimentar trabalho futuro. Num percurso mental de sentido inverso revê os últimos *e-mails* de Klara, psicóloga criminal que ainda nem conhece pessoalmente. No último dizia que as alterações do clima mal Setembro se aproxima do fim aconselham vestuário adequado para enfrentar o rigor de Outono: *Não faz tanto frio como em outros países vizinhos, por causa da influência da corrente do golfo, mas nesta altura as temperaturas podem descer bruscamente. Vem prevenida com botas e sobretudo.*

Abre os olhos. O motorista continua a vigiá-la pelo espelho. Aconchega o casacão verde-musgo aos ombros, o único agasalho de respeito com

que se fez à viagem. Conseguirá suportar com ele e com a gabardina os primeiros dias de Outubro? Percebe então que o desconforto não vem dos ombros, sobe dos pés, calçados com sapatos rasos por cima de meias finas. Devia ter previsto a descida de temperatura à chegada ao destino, metendo as botas de cano alto na maleta de cabine.

Ajeita os cabelos negros, fricciona os joelhos frios, distraída com os pensamentos. Se tudo correr bem, vai sobrar tempo para umas compras nas lojas da Drottninggatan, para um serão agradável numa sala da Kulturhuset. Mas é forçada a refrear o entusiasmo. Como da primeira vez, não veio como turista. Convidada por Klara a título particular, terá de enfrentar o sacrifício de umas horas a estudar as preliminares de um plano de investigação só delas, antes de começar a reportar, para a sua estação de televisão, os desenvolvimentos da investigação policial e suas implicações na escolha dos laureados.

Há dias aparecia um corpo nos arredores de Märsta, capital da comuna histórica de Sigtuna. Tudo apontava para homicídio, embora Estocolmo aparentasse a serenidade habitual. Muita gente descera a Halland, na costa ocidental sueca, para o festival do salmão; faziam-se os preparativos para a corrida de corta-mato em Lidingö; decorria a discussão pacífica na Academia Sueca sobre obras e autores propostos aos prémios mais importantes do mundo. Presumiam as autoridades que se tratava do cadáver de um escritor inglês candidato ao Nobel de Literatura, conforme avançavam os *media* nas primeiras notícias. Mas colocavam-se questões de identidade e autoria: o nome do escritor era um pseudónimo; parte das obras teria sido usurpada a outro escritor íntimo da vítima.

A imprensa dos vários países adiantava alegado envolvimento de grupos extremistas. A maior amplitude das investigações acrescentava outros nomes ao cenário inicial com teorias ainda pouco consistentes. Estimava-se que tivessem estado em Estocolmo, nos derradeiros dias de Setembro, quase tantos jornalistas quantos costumam vir a 10 de Dezembro para a cerimónia oficial da entrega dos prémios. Alguns permaneciam, *stringers* e *freelancers* sem limite de tempo, outros acabavam de chegar, enviados especiais generalistas e especializados em áreas científicas que podiam contribuir para o apuramento da verdade.

Não conhecia o contacto de Klara, ninguém lhe dava o seu contacto. Por referências elogiosas na *net* a alguns envolvidos em investigações nos seus países, parte deles jornalistas que costumavam colaborar com as autoridades, acabavam por chegar uma à outra com relativa facilidade. Afinal, nos tempos que correm, encontrar uma pessoa em qualquer ponto geográfico, é tão acessível como descobrir um parente afastado numa aldeia remota do próprio país. Estava para vir ao serviço da estação daí a uns quatro,

cinco dias, mas Klara propunha um encontro, oferecia a casa. E depois a curiosidade era muita. . .

Ainda pensa no insólito do próximo encontro quando o condutor dá a volta à praça, afastando-se da saída do metro como se recalculasse intenções. Com um ligeiro desvio à direita e um solavanco acentuado, estaciona de repente subindo o bordo do passeio com a roda da frente. Deve ter pressa. Parece querer aproveitar o dia, mal disfarçando a vontade de a despejar na calçada

*Temos de ser rápidos, senhora. . . por um lado não é permitido estacionar aqui por muito tempo, depois tinha-me esquecido de um serviço já marcado*

Debitada a desculpa esfarrapada, larga o volante a correr, atira a mala de viagem para o passeio e volta para dentro do táxi, depois de empurrar pela segunda vez a porta de trás que tinha ficado aberta. Talvez seja impressão sua, mas ia jurar que puxou o boné para esconder parcialmente o rosto.

Entretida a procurar as coroas na carteira, não dá grande importância à manobra no espaço acanhado. A não ser quando o som agudo de pneus na calçada atrai as atenções gerais. Levanta os olhos. Perplexa vê o homem já a rodar o volante e arrancar em direcção a Södermalm, sem lhe cobrar o preço da corrida. . .

Não tem tempo para interrogações. A rapariga sueca que sai do restaurante *Trattoria Romana* e atravessa naquela direcção só pode ser Klara. Viu uma foto dela, memorizou o que lhe dizia em todas as mensagens de apresentação: cerca de um metro e setenta e cinco, cabelo louro apanhado num rabo-de-cavalo. Disfarça bem, em passadas rápidas e airosas, os sessenta e oito quilos que garante pesar. À medida que caminha, agitando as duas metades da gabardina desapertada, a portuguesa repara que ela veste saia de cor cinza muito clara, blusa de caxemira com flores púrpura em fundo branco, cachecol inteiro de tricô como gargantilha espessa no mesmo tom das flores.

O calçado é prático e confortável: botas rasas de pele virada, cano médio, uma dobra de lã já a ganhar borboto. Quanto aos acessórios clássicos — pulseiras de metal dourado, saco de cabedal amarelo —, bem podiam passar despercebidos, mas não o pequeno triângulo invertido a dançar na mão esquerda, com as chaves dependuradas: assim que se aproxima, sobressai um curioso pormenor suspenso do vértice, uma raposa de couro ligeiramente mais claro.

Saúda a portuguesa em inglês, um idioma que mais de noventa por cento da população domina perfeitamente, iluminando os olhos entre o verde e o castanho como os de um bicho matreiro

*Hej, bem-vinda a Gamla Stan, Maria Ana  
Então és tu a Klara Drottning?*

Em vez de responder, sorri moderadamente. *O meu carro está ali mesmo, entra*

A um metro donde o táxi deixara Maria Ana, na zona que o motorista dizia proibida, o SAAB de modelo antigo aguarda, qual mago adivinhando onde ela iria appear-se. Klara levanta a mala do chão para a meter na bagageira, depois indica-lhe o lugar a seu lado. Roda a chave da ignição. Quando inicia o movimento, já não tem o sorriso de há pouco, como se tivesse desligado um interruptor.

Conduz com cautela nas pequenas voltas para deixar o centro. Mal entram na auto-estrada rumo a norte, carrega no acelerador com tal força que Ana chega a temer um acidente. Turvado pelo medo, pelos modos, o seu tom de voz acusa uma agressividade inadequada a um primeiro encontro

*Calma, conduzes sempre assim, Klara?*

*Costumo cumprir o limite de velocidade, mas desta vez não posso evitar excedê-lo. Mal te apeavas tinhas alguém a seguir-te os movimentos por detrás de um autocarro*

*Essa agora... viste quem era?*

*Pela janela do restaurante não consegui. Corri então para a porta. O indivíduo percebeu, tratou de encobrir o rosto com um jornal e sumiu. Os gestos pareciam familiares, só que não conheço ninguém que use boné... E franze a testa, aborrecida*

Ana sente agora um medo rasteiro. Está visto que o seu perseguidor apanhou o comboio seguinte até à Estação Central e meteu-se no metro, para chegar antes dela a Gamla Stan. Só não entende como podia adivinhar o rumo que ela tomava, o ponto de encontro que ambas tinham combinado...

Klara age de maneira inesperada, como se lhe seguisse os pensamentos. Sem aviso prévio sai da auto-estrada no primeiro desvio, dá uma volta incompleta por um caminho secundário onde o negrume da tarde se adensa. Com o carro tão lento que Ana podia colher um ramo, enfia-o por um atalho ladeado de pinheiros altos até alcançar uma clareira acanhada. Progride ainda cerca de um metro, depois trava, dissimulando a carcaça do automóvel na orla densa do bosque.

Há caminhos estreitos por ali, diz ela, que levam a pequenos aglomerados de cabanas. A maioria pertence a moradores de Estocolmo que lá vão passar o fim-de-semana ou pequenas temporadas nas férias. As outras albergam solitários amantes da Natureza que fazem o percurso inverso: nos dias de trabalho são migrantes pendulares, aos fins-de-semana e feriados dão uma volta pela capital. De vez em quando as duas raparigas ouvem o ruído de um veículo a entrar por um desses caminhos, depois o som é engolido pelo silêncio da mata.

Com os faróis apagados ficam uns bons dez minutos no esconderijo improvisado. Klara apenas balbucia uma ideia que já tinha passado pela cabeça de Maria Ana

*Se consegui seguir-nos, não tardará a passar*

*Quem sabe se não está já por aí, também escondido entre arbustos?*

Diz aquilo por dizer, mas tanto basta para que a Drottning rode o tronco à direita e se detenha no contorno do seu rosto. Adivinha-lhe um olhar de medo

*Talvez tenhas razão, Maria Ana. Lamento então dizer-te que vamos ter de esperar algum tempo, talvez uma hora ou duas... aguentas? A voz tenta ser firme*

*Perfeitamente, já fiz muitas vigílias antes desta. Diz-me só uma coisa: se era para vir para norte, porque não nos encontrámos no aeroporto?*

*Não tinha intenção de vir hoje... só queria ter a certeza que nos espíavam*

Ana abre uma nesga da janela, inquieta. Enche os pulmões daquele ar saudável, aconchega a nuca ao rebordo superior do assento. O jornalismo de investigação já lhe pediu sacrifícios, maiores ou menores do que aquele, é o que irá apurar. Entretanto Klara mantém-se direita, atenta ao menor ruído: sons próximos e distantes, mamíferos de pequeno porte a rastejarem no solo, o espanejar do ptármiga na ramagem. Olha os ponteiros fosforescentes do relógio antes de voltar a segredar: *passam vinte minutos das dezasseis horas*. E no entanto, à volta de ambas, faz um escuro de breu, como se rondasse já a meia-noite. Por ali um dia de sol no tempo frio não costuma exceder as seis horas, bate certo.

Maria Ana está ansiosa de mais. Se ao menos conseguissem trocar impressões sobre o maior acontecimento do ano... Recorre ao truque habitual de evocar paisagens agradáveis, dias descontraídos sem o peso de obrigações. “*Sonha que descansas em meus braços/ sob a verde copa das bétulas.*” A beleza da palavra poética colada à da Natureza, num poema de Erik Axel Karlfeldt. Ouve a respiração regular de Klara, o corpo amolecido a recostar-se no banco. E convencida de ela ter adormecido, fecha os olhos e relaxa.

#### IV.

Uma tela luminosa, a seara azul baço da baía semeada de barcos brancos. O indivíduo de ar latino abre e fecha os braços em exercícios respiratórios, antes de se sentar nas escadas do cais, de costas para o passeio marítimo. *Aguarde-me ao pé do iate, se tanto quer fazer essa caminhada* — dissera o seu contacto, na véspera.

Levantou-se cedo. A marcha desde o hotel, na Birgerjarlsgatan, até ao ilhéu de Riddarholmen, deu-lhe vontade de um lauto pequeno-almoço. Olha as linhas direitas do iate-hotel Mälardrottningen quase ao alcance dos dedos, com o restaurante na cobertura superior. Não se avista ninguém, por enquanto. Não tarda estará cheio de turistas a espiarem, lá do cimo, a Söder Mälärstrand, à esquerda, a cintilante baía de Riddarfjärden, em frente, o rebordo oriental de Langholmen.

Mete a mão num dos bolsos à procura da caixa de fósforos e do maço de cigarros, feliz por se ter abastecido no país de origem. A experiência anterior do tabaco húmido não lhe agradou, ainda tem umas saquetas guardadas para oferecer aos amigos. Consegue acender o primeiro cigarro, aspirando com prazer pequenas fumaças de cabeça inclinada para trás. O ar fresco da manhã desperta-lhe lembranças de lutas recentes, muita determinação entre desgostos e fome. Passou fome... metido num esconderijo lúgubre. Agora tem ganas de um êxito que já começa a sorrir-lhe, mas ainda não a glória.

Finge não reparar na viatura branca de riscas amarela e azul com o símbolo da Polis, que vem descendo a rua devagar. Pela porta a bater, o condutor acaba de estacionar mais abaixo, nas traseiras da igreja. Espera um chamamento, uma palmada nas costas, em vez disso só distingue passos dissimulados à retaguarda. Alguém atravessa agora naquela direcção. Espera mais uns segundos. Depois levanta-se de um salto, subindo os dois degraus que o separam do passeio.

O comissário da SÄPO, Polícia de Segurança do condado de Estocolmo, dá uma gargalhada. *Mostrando os seus métodos de abordagem para me impressionar?*

*Não era você que se aproximava com passos de felino?*

Saúdam-se com um abraço vigoroso. A colaboração no caso mais mediático do ano acabou por criar entre ambos uma cumplicidade inegável

*Seja bem-vindo a Estocolmo mais uma vez, Got*

*Ainda se lembra desse nome de código que me atribuiu... E o latino sorri*

*Claro, e você devolveu logo baptizando-me de Gus, de modo que...*

Atravessam para o outro lado da rua. Os passos de ambos ecoam na serenidade da manhã

*Quería tomar o pequeno-almoço no iate, calculo... mas hoje está fora de questão*

*Você sempre me saiu um refinado chato, Gus. Não levei nada à boca a pensar numa hora bem passada na cobertura do barco, inebriado com o cheiro do café*

*Vamos tomá-lo num local sossegado, não menos agradável, com café ainda melhor. Preciso de recolher uma coisa importante daqui a cinco minutos — confirma olhando o relógio. E colocando-lhe a mão no ombro, enquanto se dirigem à viatura*

*Conte-me pormenores da sua viagem à Estónia... um fracasso, dizia você no e-mail*

*É isso mesmo, o nosso homem tinha escapado para Riga...*

*Daí que você o seguisse até lá e apanhasse depois o barco para Estocolmo*

*Claro, convencido de seguir uma pista segura. Afinal já cá devia estar, de novo*

*É um dos implicados, não tenho dúvida nenhuma, Got... só não sei como iludiu a nossa vigilância e tomou parte no crime*

*Então não há sinal dele?*

*Nada, ainda ontem recebemos outro alarme falso, portanto...*

*E novidades sobre as investigações?*

*Também não há desenvolvimentos que permitam chegar a conclusões inequívocas, uma humilhação. Mas vamos entrar no carro e conversar para outro lado*

Got devolve ao condutor a contida saudação e acomoda-se ao lado do colega, no banco de trás. Já a viatura atravessa a parte norte de Gamla Stan, abre o vidro embaciado, estende o olhar absorto pelas águas do canal. Gosta da quietude de Estocolmo, do elegante urbanismo. E da limpeza dos parques, dos jardins, do cheiro a fresco. De repente, lembrando-se de um pormenor que compromete a sensação de paz, inclina-se sobre o ombro esquerdo do sueco

*Foi você que mandou aquele táxi apanhar-me no cais, Gus?*

*Nem sei a que táxi se refere, porque pergunta?*

*O motorista recolheu-me como se me conhecesse, dizendo que ia da parte do meu contacto em Estocolmo*

*Talvez você tenha outros contactos por cá, meu caro Got... Como era ele?*

*Alto, louro, com vinte e poucos anos, talvez. Falava um inglês perfeito*

*Não sei quem possa ser. E você, tem alguma ideia?*

*Nem por isso...*

V.

Uma corrente de ar, uma sinfonia de sons, saudades de casa. Naquela manhã de Verão rasgava o teu retrato em pedaços minúsculos, uma aguarela que eu pintara de improviso num rasgo de inspiração. Dera-me tanto prazer pintá-la: “*Extasiava-me ver a minha mão, como se fosse a de outro, a fazer tudo pela sua cabeça...*” — diria o Borboleta em *O Meu Nome é Vermelho*, de Orhan Pamuck. E já cuidando que a dor era indolor, ousava para a tarde os mesmos caminhos físicos de todas as Primaveras, calcando um percurso mental que não poderia mais atormentar-me.

Como voltas então ao meu encontro neste nicho de espaço-tempo... onde estamos? Esta casa não tem janelas, tem paredes transparentes e cores indefinidas como a cor do espanto, da saudade, da tristeza sem lágrimas. Sinto o ar gelado sobre a linha dos cabelos, passos abafados, quase indefinidos, como fantasmas a pisarem uma alcatifa de lã.

Afinal não és tu que vens, é a torrente de pensamentos a envolver-me no remoinho de há um ano e alguns meses atrás. Acontecia tudo aquilo... eu caía numa apatia mortal. Depois voltava àquele lugar idílico no Sul, baptizado de *Refúgio*. Não queria senão enfrentar, como terapia de choque, frases, paisagens, momentos que trouxessem lembranças tuas, cansada da resposta insatisfatória da medicação que me davam para esquecer. Era o dia a seguir à saída do hospital. Escapava ao Letes da convalescença.

Ainda sonolenta dos sedativos, conduzindo sem temor pela estrada fatídica, parava na casa do antigo proprietário, um fauno apaixonado por livros que me contemplara no testamento. Só queria recolher a chave das mãos da assistente e afilhada, não estava interessada em notícias do tempo da hibernação. Mas ela estava apostada em desenrolá-las, como um arauto medieval

O Dr. Raimundo Vilar passou por aqui estava a senhora internada, sabia?

*Não, ninguém me disse, mas o que queria ele?*

*A chave da casa... e teimava muito, porque deixara lá uma coisa importante*

*Essa agora, que coisa seria essa?*

*Não faço ideia nenhuma... na altura não fiz ideia. Falou de um documento, e repetia um documento, um documento... com os olhos raiados de vermelho*

*E depois?*

*Não lhe dei a chave, claro. O meu padrinho deixou a moradia à senhora, não a ele*

*Ficava pensativa a olhar a rapariga, comentando de olhar perdido*

*Estranho que tenha insistido*

*E como insistia... parecia louco, só lhe faltava entrar por aqui dentro*

*Bem sei como ele gostava do espaço, mas isso foi antes de ter partido daquela forma*

*Posso arriscar um palpite, mas é tão embaraçoso falar... minha senhora*

*Diga, vá lá, não se acanhe*

*Quando o padrinho morreu, esta casa e as terras à volta ficaram para mim, a moradia pequena coube à senhora, por discutir com ele tantas tardes, quando vinha sozinha, o Fédon, de Platão*

*Diálogo Sobre a Imortalidade da Alma... E depois?*

*A família dele, despeitada, começou a destilar veneno... que ele tinha preferido deixar jóias, dinheiro, imóveis, aos estranhos*

*Que lhe tivessem dado assistência. Mas que tem isso a ver com o Dr. Vilar?*

*Talvez ele se inteirasse dessas conversas e julgasse que a senhora tivesse herdado outros bens... talvez procurasse dinheiro ou ouro por andar mal de finanças, pronto*

*Seria por causa disso, Susana?*

*Acho que sim, minha senhora...*

Despedia-me da rapariga a matutar nos fragmentos da conversa. E se ela tivesse razão? Julgamos conhecer as pessoas até ao momento em que nos decepcionam de morte, e tu foste a maior das decepções. A pergunta que eu tentava recalcar impunha-se-me como um sinal de perigo, agredindo-me os sentidos: porque quiseras regressar, obter à força a chave de uma casa que abandonarás à pressa?

Quando abria a porta, ficava desiludida. Cores, móveis, recordações, pareciam esfumados por uma tela diante dos meus olhos, taipal de rede na fachada de uma construção. Era como se uma mão invisível tivesse cerrado uma cortina sobre o passado, impedindo-me de violar a fronteira. Esfumara-se o encanto da moradia.

Sedenta de um afago de ar puro, abria a janela a poente, debruçava-me

no parapeito poeirento. Custava respirar, nem as árvores pousadas no contorno do horizonte pareciam vivas. A paisagem, em tempos uma paleta exuberante, dormia na mesma quietude monocromática da casa, *tabula rasa* receptiva à inscrição de novas emoções. Ou seriam os meus olhos que se mantinham fechados para a vida?

No exílio voluntário que nos acolhia, onde uma entidade chamada inspiração nos impelia a escrever, secara a fonte onde sorvíamos água viva. Só uma boca invisível, sequiosa, pedia energia redobrada para desbravar a terra que a encobria. Mas eu não tinha energia senão para me levantar das cinzas e empunhar a bússola de um norte por definir.

Voltava para dentro, hesitante. Alguma força imperativa me puxava para uma revelação redentora. Resolvia ficar até à manhã seguinte, abandonada ao aconchego da cadeira de baloiço, à espera que o zumbido das abelhas na alfarrobeira fosse prelúdio de festa. Mas o dia chegava ao fim sem trazer epifanias. E acabava por adormecer embrulhada na manta de lã como um gato abandonado à modorra.

Quando abria os olhos, de novo, era outro dia mais e havia sol. Dia da libertação da minha alma atormentada? Fazia as malas sem método — nunca gostei de fazer malas —, guardava objectos de que nem me lembrava. Ainda recolhia cartas tuas que desconhecia, por nunca lidas... papéis meus bem conhecidos, uma chave pequena caída do buraco da estatueta de cerâmica, a bailarina. Abria não sei o quê. Dava por ela quando embrulhava o bibelô.

Metia-me no automóvel. Não compreendia porque tão sofregamente quisera voltar à moradia e tão depressa me assaltava agora o desejo de esquecer. Afinal era a casa que nunca quisera abandonar, nem quando um fogo de Verão engolia os campos vizinhos, rastejando já pelo quintal. A revelação da chave viria menos de uma semana depois, precipitada por um acontecimento insólito.

VI.

**T**alvez tenham dormitado. Ainda sem noção do lugar onde se encontram, Ana e Klara são despertadas por um vago restolhar de folhas, depois o fechar de uma porta de automóvel, duas, três... num caminho, mais atrás. Um veículo iluminado sai agora da floresta para retomar a marcha interrompida não se sabe quando, talvez logo depois de elas se terem recolhido sob a vegetação.

Klara parece um animal de cabeça baixa, à espera que o caçador se afaste. Quando a luz dos faróis se dilui no negrume, apressa-se a ligar o automóvel dando palpites sobre o rumo do veículo intruso

*É só uma suposição, mas talvez siga o caminho de Uppsala...*

*E porquê esse destino?*

*A casa que comprei fica entre Enköping e Sigtuna. Ao que parece, sabem dela*

*Mas isso é assustador, Klara...* E Ana sente um calafrio

Nova consulta ao relógio indica um lapso de quarenta e cinco minutos de que não têm memória, conforme a Drottning sugere

*Afinal temos estado a dormir e acompanhadas bem de perto*

*Devem ter-nos avistado quando entrávamos pelo desvio — sussurra Maria Ana*

*Devem, dizes bem... pelo bater das portas serão pelo menos três*

*E agora?*

A voz está quase a denunciá-la. Longe de casa, num país estranho, dependente da ajuda de uma estranha, afinal, sente-se perdida pela primeira vez. Mas a sua anfitriã parece a calma projectista de um plano de acção

*Eu sei o que estás a pensar. É evidente que o tal homem, se souber da minha casa a trinta quilómetros, saberá também da tua chegada*

*Da investigação, queres tu dizer, Klara*

*Da investigação principal muita gente sabe. O que me surpreende é a eficácia com que nos apanha os movimentos*

*E então, fazemos o quê?*

*Enquanto eles lá chegam, voltamos nós a Estocolmo, já vamos nesse sentido*

*Pensaste num hotel, é isso?*

*Não, continuo a sugerir que a casa da minha mãe, com um recanto só meu no piso inferior, é mais segura do que outro lugar qualquer. Isto se houver alguma intenção perversa desta gente... no que não creio*

Pouco se enxerga por cima da Vasabron, a segunda travessia da jovem para Gamla Stan. Só o carro parece tão habituado ao caminho como as dezenas de pessoas que, à esquerda, animam a pé ou de bicicleta o centro da Riksgatan

*Chegamos num instante, não te aflijas*

*Estou muito calma, Klara, acredita*

Maria Ana mente, para sua segurança. Não a conhece, se não for de confiança, só perde assumindo fragilidades. Um hotel teria sido preferível à casa de uma estranha, mas as circunstâncias determinaram assim. Por um lado a sua estação de televisão agradecera a oportunidade de uma estadia maior sem aumento de despesas; por outro, ela ficara empolgada com a hipóteses de conhecer ramificações oficiosas da investigação por uma pessoa que integrava a equipa interdisciplinar. Como Klara insistira — *por razões de comodidade para ambas, para bem do nosso trabalho* —, era difícil rejeitar a generosa oferta.

Atravessam Helgeandsholmen direitas a um estacionamento na Myn-torget, por detrás do Palácio Real. O motorista de táxi já tinha prevenido: *é proibido estacionar nas ruelas do bairro antigo*. Mas Klara esclarece melhor porque escolheu aquele parque

*O automóvel não é meu, pertence à frota da cooperativa a que costumo recorrer. Os associados só têm de transmitir dia e horas em que precisam das viaturas, ir buscá-las aos pontos indicados pela cooperativa e deixá-las, depois, onde outros associados não-de pegar-lhes*

*Combinaste deixar aqui o automóvel, então*

*Até às dezassete e trinta... já estou bastante atrasada*

*As cooperativas são uma boa solução para evitar o congestionamento de trânsito... assim as pessoas não sentem tanta pressão para comprar automóvel*

Mal acaba de falar, um indivíduo de meia-idade, com cara de poucos amigos, corre para o automóvel atirando a pasta preta e o casaco. Compõe o espelho, faz ajustamentos no banco do condutor. Depois arranca como se estivesse na iminência de perder um avião.

Arrastando agora a maleta com esforço, ora uma, ora outra, alcançam a recta da Prästgatan, rejeitando outras vielas pitorescas de calçada polida. Há bares abertos, não seria má ideia entrarem num deles, mas Klara parece

submersa por um mar de obrigações. Fica para mais tarde. Gamla Stan não dorme senão sobre a madrugada, considerando que a hora do jantar ronda as dezoito e trinta, para boa parte dos habitantes, e a alta madrugada se situa pela uma ou duas da manhã.

Nota-se um frio cortante quando viram à direita, no cruzamento que à esquerda leva à Tyska Kyrkan. Estão no limiar do destino pretendido, um quase beco, o prédio cor de mel. Ana repara nos elegantes candeeiros já acesos, dependurados das paredes como hastes de plantas. Não se avistam moradores, pessoas irreverentes ligadas ao mundo das artes que aqui se fixaram. É Klara quem o diz, já a rodar a chave da porta exterior de um edifício amarelo-ocre de três andares, colado de ambos os lados a outros avermelhados.

Fá-la entrar para um átrio minúsculo, em forma quadrangular. À frente há uma porta cor de ferrugem que dá acesso aos apartamentos superiores, conforme vai explicando, à direita outra porta da mesma cor, retocada há pouco tempo. Ana imagina por detrás uma cave bafienta, submersa em escuridão, uma das cabanas descritas por Tolstoi. Mas a revelação da planta inferior do prédio é luminosa, um jardim de cores alegres com a reprodução de um tríptico de Auguste Macke na parede branca, em frente à porta: *Grande Jardim Zoológico*

*Entra, o apartamento só tem esta saleta com o canto da kitchnette, aquele quarto interior ao fundo, para lá do corredor, e a casa-de-banho. Tudo funciona, fico cá algumas vezes. Põe-lhe a mão no ombro como se a impelisse*

*E a tua mãe, não se importa? Ana parece hesitante*

*Nem vai saber que aqui estás, confia em mim*

Leva-lhe a mala até ao armário colado à parede do quarto e volta ao átrio. Quando abre a porta para os pisos superiores, chega até ambas o aroma bom de estufado que já se insinuava quando entravam. Klara nota que a sua hóspede está a salivar. Com um sorriso promissor assegura que não vai demorar muito

*É apenas um quarto de hora, verás... aproveita para tomar um banho*

*É mesmo o que me apetece, obrigada pela sugestão*

E empurra a porta sem fazer barulho, decidida a tratar da higiene. Entra na casa-de-banho antes mesmo de abrir a mala. Mete-se no cubículo do duche, deixa a água quente correr pelo corpo durante uns bons dez minutos. Como se um massagista lhe tivesse activado os músculos retesados, dá por si a fazer movimentos giratórios com os braços, revigorada, antes de sair da cabine.

Não há roupão, há toalhas, toucas, chinelos, um grande lençol de banho, no armário onde convivem ainda frascos de gel, sabonetes, luvas de borracha, uma caixa de ferramentas com um martelo de madeira, uma

embalagem de pregos. Envolta no toalhão azul-marinho a limpar-se vigorosamente, começa a percorrer o minúsculo corredor. A meio pára, surpreendida: Klara já põe a mesa na sala

*Se já tomaste banho, despacha-te, já começo a sentir fome*

Ana sorri, de novo confiante. No quarto, animado pela reprodução de outro quadro à cabeceira — *Nu Com Jarros*, de Diego Rivera —, abre a mala de viagem, escolhe roupa confortável: *t-shirt*, calças de treino, o polar novo coral. Depois alisa o cabelo negro molhado e junta-se à Drottning, morta de fome, também. Afinal não é estufado. Tapado com um prato raso há outro prato fundo com carne frita, bolinhas de batata cozida, beterraba, dois ovos estrelados como tanto gosta. Klara faz a divisão: do prato fundo retira para o que serviu de tampa cerca de metade da dose. E colocando-o à frente de Ana pronuncia umas palavras que ela traduz mentalmente por: *bom apetite*.

Atira-se ao pão de cerveja, diz Klara que é de cerveja, às batatas com carne, ao ovo. Só volta a estabelecer contacto verbal ao fim da quinta ou sexta garfada

*É muito bom, estava mesmo a precisar de proteínas*

*É um prato comum, entre nós. A minha mãe costuma cozinhá-lo quando sabe que apareço, como hoje devia acontecer daqui a uma hora*

*Não perguntou porque chegaste mais cedo?*

*Klara encolhe os ombros. Não tenho horas certas nem rotinas...*

*Nem te perguntou porque quiseste dois ovos?*

A Drottning dá uma gargalhada. *Não é coisa invulgar, comermos dois ovos fritos*

*E se ela desce para verificar?*

*Era o que faltava. Estou a entrar nos quarenta, sou divorciada há quase um ano. A família não mete o nariz na minha vida desde o fim da adolescência. Depois este apartamento sempre esteve por minha conta, ninguém invade o espaço de ninguém*

*Já com o prato vazio aponta-lhe o divã rente à parede interior*

*Eu vou ficar ali mesmo, só preciso de tirar um saco-cama do armário. Olha o relógio. Podemos conversar enquanto trato da louça, depois prometo silêncio, podes dormir descansada*

Maria Ana esgrime argumentações com ela para limpar os pratos, para trocarmos de cama. Sem sucesso. Irredutível, a sua anfitriã recomenda-lhe descanso rápido, muita prudência a partir dali, lembrando que o homem do boné acabará por descobrir que a casa nos arredores de Märsta está vazia

*O mais certo será voltar a Gamla Stan ainda hoje. E deita-lhe um olhar esquivo*

*Achas que também sabe da casa da tua mãe?  
 Já não digo nada. Enquanto não descobrir quem é, o que pretende de nós... não descanso. Segue as minhas instruções, por favor  
 Vira-se para trás, apontando a mesa com o queixo  
 Amanhã deixo-as ali, se ainda estiveres a dormir... hoje estou muito cansada, nem sei se conseguirei adiantar trabalho  
 Estás a dizer que não vou sair contigo?  
 Levanto-me às seis, saio por volta das sete, não deves estar habituada a esse ritmo  
 Farei por isso, tive de me habituar milhões de vezes a rotinas diferentes  
 Aproveita para descansar bastante. Se eu puder voltar antes de almoço, telefono, para darmos um salto ao local do crime. Tens de reportar para a tua estação a partir de quando?  
 Como vim nas condições que conheces, ficou ao meu critério reunir a matéria numa só reportagem ou fraccioná-la. Ainda vou pensar  
 Klara insiste no descanso cedo. A personalidade forte que se lhe advinha não deve admitir oposição. O que ela sugere de forma autoritária faz sentido, mas Ana ainda não sente sono, só o corpo fatigado da longa viagem, sentada na mesma posição. Olha para os gestos determinados da sua anfitriã enquanto ela arruma a louça. Porque lhe vem à cabeça a figura de Anne-Marie, "...Ensinaram-lhe a aborrecer-se, a estar direita e a coser", no trecho de *As Palavras* com que Sartre descreve a própria mãe? Klara é o oposto, devem tê-la educado para nunca ficar quieta nem ceder. Num esforço derradeiro para vencer parte da batalha, tenta entabular conversa com ela. Talvez consiga sacar-lhe informações sobre os acontecimentos que a trazem mais cedo à Suécia  
 Diz-me o que achas do crime, Klara, o que acham vocês, suecos?  
 Lamentável. Quer tenha sido cometido por motivos passionais quer por despeito, veio colocar uma nódoa no clima dos Nobel deste ano  
 Ana ajeita-se na cadeira, os sentidos tão despertos como polícia a farejar indícios  
 Então pode ter sido uma mulher apaixonada ou um rival literário a cometê-lo?  
 A Drottning espera uns segundos, limpa as mãos  
 As hipóteses são muitas, Maria Ana, as certezas nenhuma. Neste momento só podemos tecer vagas considerações à luz das poucas pistas encontradas  
 Falaste do clima dos Nobel... poderá este caso isolado beliscar o prestígio da Academia, da Fundação, dos outros laureados?  
 Claro que não... são instituições com créditos desde 1901  
 Sabem quantas pessoas vão receber os prémios aqui em Estocolmo?*

*Fala-se de duas ou três para o de Química, três para o de Medicina, número igual para o de Física e uma para o de Literatura*

*O de Literatura deve estar difícil, dadas as circunstâncias — arrisca Ana a bocejar*

*É o que reúne menos consenso, de facto, com tanta polémica à volta. Mas se tudo se mantiver como está, calculamos uns dez laureados e mais três nomes para o prémio das Ciências Económicas. AGORA VÊ SE DESCANSAS, ESTÁ BEM?*

*Tu mandas, Klara. E Ana parece despertar de um quase sono*

*Não é uma imposição, mas já bocejaste duas vezes...*

*Falta de educação minha, peço desculpa*

*Deixa-te disso... só quero reforçar que foi um dia exaustivo. Se quiseres podes ver televisão no quarto, ler um pouco. Aquela estante tem livros em inglês, neste cesto há revistas que te podem interessar... escolhe*

Ana considerava há pouco dar uma volta pelas ruelas estreitas, escrever alguma coisa num café aconchegado, agora desiste da ideia. O corpo moído pede o conforto da cama, a cabeça recomenda o planeamento do trabalho. Depois Klara está na casa dela, precisa de descansar sem ser perturbada. Se já o sugeriu, não tem de a contrariar. Recolhe então duas revistas, murmura *god natt* e fecha-se no quarto. Recostada na almofada com a cabeça a rasar a parede, fecha os olhos e medita.

## VII.

O carro com o símbolo da Polis acaba de percorrer a Strömgatan, entrando agora na Södra Blasieholmshamnen. À esquerda vai aparecendo a massa cor de ferrugem do Grande Hotel, algumas janelas com o toldo levantado. Got fixa o centro do edifício ao nível do sexto andar, projecta numa delas a imagem do quarto de reposteiros roxos que ocupou na sua primeira estadia em Estocolmo.

O motorista corta à esquerda para a Museikajen, em reduzida velocidade. Pára diante de uma sóbria construção de tijolos pardos e telhado verde, virada para Skeppsholmen, lembrando o Renascimento veneziano e florentino. *Cá estamos, chefe.* Aponta a fachada com as letras douradas rasando o beiral: National Museum. O comissário da Polícia de Segurança não responde. Já com a mão no fecho metálico da porta, olha para o latino com um brilho estranho nos olhos

*Não saia enquanto eu me ausentar, Got, não devo demorar mais do que um momento, portanto...*

Precipita-se para fora da viatura sem olhar para trás. Quando desaparece pela lateral do edifício, o latino olha as janelas do segundo andar. Um dia qualquer, com tempo, tenciona visitar a colecção de escultura e pintura, mais de quinze mil obras inventariadas. Ficara muito impressionado com a tela de Alexander Roslin, *A Dama com Véu*, quando conheceu o museu pela primeira vez. Lembrava-lhe a mãe, desaparecida prematuramente quando ele era rapaz: a mesma expressão doce e brejeira, a mesma cor de olhos e cabelo. Passara a viajar com a reprodução do retrato sob a fotografia antiga. Mas nunca a imagem lhe parecera tão viva como naquele período sombrio, depois de ter sido suspenso das funções.

Fecha os olhos para recuperar impressões mais nítidas. Perdida a dignidade, a família, a casa, a vida passava a ser uma rotina dolorosa. Os amigos eram nomes, uma lista de nomes sem identidade. Só a imagem da mãe estava presente em sonhos recorrentes, todas as noites, a pedir que se levantasse. Essa imagem e uma garrafa de álcool eram a dose certa de sonífero

para as longas noites, então alojado num gueto escuro de Londres, ao pé de outros sem-abrigo...

Fixa as águas calmas do canal Strömmen, afagadas pelos dedos de um vento suave. As nuvens vão sendo varridas do azul. O sol ousa aparecer, sorrateiro, no limiar de um corredor estreito. Sacode as pernas ao cimo das escadas do cais. O motorista segue-o de perto, afagando o cabelo cortado com a máquina zero. Ainda é novo, talvez na casa dos quarenta, encorpado como um soldado eslavo. A primeira impressão de rudeza é agora dissipada pelo sorriso agradável

*Que tal a vida na Polisen, senhor Engdot... rotineira?* — pergunta Got de repente

*Nem por isso, chefe, começamos a ter por cá bastante animação. Mas dentro de uma semana vou até Paris descansar*

*O latino ri, com gosto. Não sei se é a cidade ideal para descansar, homem Tem razão, nem os apelos convidam à calma, nem os casos se assemelham*

*Agora não estou a entender...*

*Casei segunda vez, a minha mulher quer passar a lua-de-mel na cidade onde Nobel conviveu com a secretária, Bertha Kinsky, talvez seu único amor*

*Amiga... uma amiga que abalou duas semanas depois de chegar para casar com o conde Suttner... Talvez tenha gostado de Sophie Hess, austríaca também, que trouxe para Paris como amante e que acabaria por traí-lo com um oficial húngaro*

*Era aí que eu queria chegar. Nós casámos mal nos conhecemos, o engenheiro Nobel ficou sozinho a vida toda... nem sei se foi amado por alguém*

*É amado agora por milhões de pessoas, Engdot... Se tivesse casado, talvez não redigisse, por acaso em Paris, também, na avenida Malakoff... o célebre testamento que beneficia tantos homens e mulheres “sejam escandinavos ou não”*

*É verdade, chefe... os trinta e dois milhões de coroas ficariam só na esfera familiar*

Corre agora uma aragem fria. Ainda não passaram dez minutos e o comissário já regressa com uma pasta negra na mão. Abatido, como se tivesse esbarrado em portas fechadas, dá ordens ao condutor para avançar: *para Skeppsholmen, Olaus...* E já sobre a bela ponte de ferro ornamentada com as coroas reais

*Terás uma hora livre para ir aonde quiseres, mas sê pontual no regresso*

*Depois descansa o colega. Estamos a chegar, Got... já falta pouco*

*A chegar aonde, afinal?*

*Atingem a ilha bordada de ancoradouros, rasando estaleiros de ma-*

deira pintada. Águas calmas, homens alheados de quem passa consertando embarcações antigas. O carro encosta à berma da direita, perto da água. Do lado esquerdo fica o Estado-Maior da Armada, agora sede da Associação de Turismo. Ainda com o motor a trabalhar Gus aponta o semi-rígido atracado perto da margem

*Aquele é o af Chapman's, a Pousada da Juventude*

O colega ri, abanando a cabeça, mas o comissário continua a debitar informação

*É um alojamento de banheiros partilhados... só na sede, aquele edifício cor de mostarda — aponta a construção mais à frente — é que há quartos com WC privativo*

Finalmente repara na expressão divertida do latino. *Está a rir de quê, afinal?*

*Não se lembra de me recomendar a visita ao barco na minha anterior estadia? Estivemos lá dentro os dois para apreciar as vistas da Cidade Velha, homem*

*Tem razão, a minha cabeça não anda bem... Ficamos aqui mesmo, desça*

Apeiam-se para atravessar a rua. O carro desaparece pela Västtra Brobänken em frente da Faculdade Real de Belas Artes. Seguem agora por um caminho de gravilha que atravessa o relvado, em diagonal. Na entrada principal são acolhidos pela recepcionista como na casa de velhos amigos: *além, comissário, no lugar de sempre*. O sueco encaminha o latino para a mesa da saleta virada para o jardim

*Aqui ficaremos mais à vontade, Got... sente-se*

O outro não obedece, aproxima-se da janela. Avista, de um ângulo diferente, por entre as árvores da marginal, os mastros da galera feita Pousada da Juventude em 1949, enquanto acende o segundo cigarro da manhã. Uma jovem bonita aproxima-se com dois pratos na mão: um café e um biscoito para cada um. Gus sorri com a expressão desolada do latino

*É melhor trazer o resto, Carolina... o meu amigo não comeu nada hoje. E para o colega, pálido de fome: Isto é só um amuse-bouche, Got. A espera vai valer a pena, garanto-lhe. Graças aos amigos que aqui tenho, tomaremos um frukost de rei*

Coloca a pasta na mesa, um dossiê cinzento-escuro de formato A3. Quando o outro se instala à sua frente, inclina-se sobre ele para falar em voz baixa

*O nosso homem foi visto pela última vez numa embarcação de recreio*

*Está a falar do curso desaparecido?*

*Claro, de quem mais?*

*Mas essa informação já é antiga, Gus*

*Deixe-me continuar... Recentemente surgiu uma pista de um informan-*

*te seguro — o homem com quem acabei de me encontrar — sobre um indivíduo parecido, avistado em Pällsundsparken. O informante estava convencido que daria com ele, mas acabou por perder-lhe o rasto*

*Então nada mais se conseguiu apurar*

*Nada mais, desde que começámos a procurar exaustivamente o seu paradeiro. Todos os colegas se lembram dele, mas nenhum sabe dizer onde morava*

*Abre a pasta quase a meio, apontando para as linhas centrais. Está tudo aqui... veja se os últimos desenvolvimentos combinam com as suas notas*

*Deixe cá ver. Got roda o dossiê cerca de noventa graus sobre o plano da mesa, para fazer uma leitura rápida dos elementos registados, em voz alta: trabalhou mais de três anos na reparação da frota da Destination Gotaland com boas referências, depois desapareceu por um ano sem deixar rasto e regressou mais tarde para preencher a vaga no Törsdag, por cerca de meio ano. Nenhuma irregularidade*

*Mas uma particularidade, Got... pedia para se ausentar com frequência, leia*

*É o resumo que você me fez antes de eu viajar para a Estónia, nada de novo...*

*Olha para trás. Os passos de Carolina a empurrar um carrinho de teca soam-lhe como o folhear de um livro num momento de ócio, o regresso a um estado zen antes da próxima guerra. Primeiro a guerra: retira uma das travessas como se disputasse um troféu de batalha. Gus tinha razão: ovos, salmão, torradas... tanta coisa boa para saborear. Depois vai pensando que a gastronomia é cultura, um dos espelhos de um povo, enquanto desfruta da refeição em profundo recolhimento, como se comungasse. Só passado muito tempo se apercebe do fluir da vida: carros lá fora, uma porta a bater, o telefone a tocar. Levanta os olhos para o comissário*

*Você ficou de saber porque se despediu ele da primeira empresa, lembra-se?*

*Nunca deixámos de o fazer, Got — o comissário interrompe, para beber um gole de sumo —, conforme pode ler mais abaixo, nada consta de anormal: vontade de mudar. É um desejo legítimo de qualquer ser humano*

*Vira a página com o bico da esferográfica*

*Conseguimos esta foto dele, mais recente do que a sua...*

*Ah, sempre existe um dado novo. Está mudado, sem dúvida, mas o cabelo pintado não lhe altera as feições. Parece gémeo do indivíduo que eu segui de Itália a Estocolmo, agora também louro, apesar de mais novo e filho de pai diferente*

*Este aparece registado como Sio Lombardi*

*Eu sei... mas é o irmão do outro, posso garantir-lhe*

*O mais importante não conseguimos saber: qual deles é o autor do crime*

*Não podemos garantir que sejam eles os culpados, Gus. Aliás, para o mais novo apareceu aquele álibi inesperado de uma colega de trabalho. A credibilidade é duvidosa, acho que tinham um romancezito... mas é um álibi*

O sueco endireita-se, de sobrolho carregado. Não lhe agradam pontas soltas num caso tão complexo. *Essa agora, Got... ninguém me informou desse pormenor*

*Calma, homem. Quando fui para a Estónia, o processo passou para outras mãos, você sabe. Não me competia reportar os desenvolvimentos desse período, mas estava convencido de não existirem falhas*

*Parece que houve, afinal... e neste caso qualquer omissão é perigosa, como sabe*

*Só há dias os colegas souberam que das duas versões do mesmo indivíduo, salvo seja, podia ser este Sio o eventual culpado, pela natureza dos delitos que já cometera. Talvez nessa altura, sedentos de informação sobre ele, tenham negligenciado o que dizia respeito ao irmão...*

O comissário não aprecia a justificação de Got para o lapso dos colegas. Não tira os olhos dele. Será que lhe escondeu pormenores intencionalmente? Folheia o dossiê sem método, durante largos segundos

*O processo de Carlo antes de ele entrar na Suécia é da sua responsabilidade. Acredito nos resultados que nos forneceu, mas os seus colegas falharam. Com álibi ou sem ele, tudo quanto diz respeito a esse suspeito me importa. Por exemplo: tem a certeza de ele ter usado sempre o verdadeiro sobrenome, depois de ter emigrado?*

*Absoluta. Lembre-se de que arranjou trabalho através de instituições de prestígio. Tinha de estar isento de faltas graves. Depois houve a tal escorregadela que consta do processo, quem sabe se outras que não deixaram rasto... Como você bem lembrou, mesmo com álibis importa investigar até à exaustão*

*Bom, concentremo-nos no tal Sio e no seu paradeiro. Lamento não termos conseguido um endereço correcto. Talvez com esta fotografia consigamos avançar*

Got limpa a boca pela segunda vez. Também tem as suas dúvidas quanto à morosidade do processo. Vai de novo à janela, acende o terceiro cigarro da manhã, sorve duas fumaças de olhos fixos na paisagem. Não parece a mesma de há pouco, culpa de um raio de sol, dos dedos do vento ou do seu estado de espírito. Nada é o que parece nas primeiras impressões. Lembra-se dos policiais de Agatha Christie, uma frase de Poirot no seu último caso, na carta que deixara a Hastings: *“Precisava que visse o que eu queria, que visse e ouvisse o que eu queria que ouvisse.”* De olhos semicerrados volta-se para o comissário

*Voltei com esperança de haver novidades, Gus. Não entendo o que está a acontecer. As nossas polícias são das melhores do mundo e o indivíduo consegue evaporar-se?*

*Há qualquer coisa que falha, de facto. No Tax Office não há registo, não foi recolher o personal number... No Migration Board também não há pedido de residência. Não é raro perder-se o rasto aos imigrantes se andarem a saltitar de poiso em poiso com nomes falsos, mas já o devíamos ter localizado, concordo consigo*

O latino volta a sentar-se, bebe um trago de café. De repente atira à queima-roupa: *E o resto das informações do dossiê, Gus?*

O comissário fecha a pasta, ofendido

*Referem-se a outros sujeitos, não dizem respeito a este caso. Mas que ideia é essa agora vinda do nada, Got?*

O sangue sobe ao rosto do latino. *Desculpe a frontalidade, mas parece que só quer que eu veja parte do que investigou...*

*Got, Got... as recordações tomaram conta de si, ainda se julga rodeado de inimigos*

*Despediram-me, é verdade... mas quase imploraram para eu voltar, mesmo com fama de bêbado, essa é que é essa. E ninguém mais me vai impedir de atingir o topo*

*Concordo inteiramente consigo, homem, foi a sua competência que lhe garantiu o retorno às funções, portanto...*

Abana a cabeça, desolado. Não pode tomar a peito os desabafos do homólogo, sequelas da humilhação por que o fizeram passar. *Estamos num tempo medonho, meu caro — confidenciava-lhe um dos antigos superiores, abonando a favor de Got. Quem não perdoo a competência alheia, arranja sempre forma de a macular. Denunciaram-no por usar métodos pouco ortodoxos, e talvez ele se excedesse no zelo... mas resolvia os casos todos com eficiência, essa é a verdade*

Foi o primeiro a duvidar dele por um erro que não lhe pode ser imputado. Talvez tenha agora o que merece. Esvazia a chávena em tragos sucessivos, imaginando a melhor forma de anular a tensão

*Veja bem, Got, se não gostasse tanto de trabalhar consigo e com os meus subordinados, não conseguia suportar os percalços deste caso. Estou a mostrar-lhe tudo o que importa, meu caro, acredite em mim*

O italiano pede desculpa. *O desgosto de não poder estar com o meu filho dá cabo de mim. A mãe voltou a gorar a minha expectativa de uma estadia com o garoto.* O comissário pigarreia, comovido, mas não pode alimentar vulnerabilidades

*Imponha-se, Got... tem o direito de estar com o miúdo. Agora vamos ao trabalho. Um dia destes temos de reunir com os peritos da investigação para*

*avaliar os progresso... para analisar os procedimentos no que diz respeito à segurança e prevenção de novos crimes, a parte que me cabe...*

*E restabelecida a harmonia. Há mais alguma coisa que queira partilhar comigo?*

*Já disse tudo o que havia para dizer. Como aqui perdemos o rasto ao tal Sio, parti para a Estónia seguindo a vossa pista. Garantiram-me que ele tinha passado recentemente pela aldeia de Koidula, para uma visita relâmpago à família da mulher, e que partira logo para a Letónia. Mas nunca tomo nada como certo*

*O comissário não pára de se mexer na cadeira. Terá alguém dado com a língua nos dentes, fazendo o pássaro levantar voo?*

*Negativo, Gus... fui discreto em todas as abordagens. Mas há lacunas... temos de rever os procedimentos*

*O comissário comprime as têmporas. Tem agido e mandado agir seguindo uma linha de raciocínio baseada em motivações racionais. Foi tudo passado a pente fino: as embarcações onde Sio fazia serviço, os locais que podia frequentar, o ponto de encontro com o irmão mais novo... Tentou meter-se na pele de um criminoso para entender os impulsos que levam a comportamentos desviantes. Nada... não tem memória de um insucesso tão grande. Mas que não lhe ensinem o padre-nosso*

*Não me confunda, Got. Está difícil... a vítima era um cidadão estrangeiro. A Livre Circulação gerou um amontoado de leis sem a correspondente uniformização das práticas. Recorremos às relações intergovernamentais para derrubar burocracias. Chegaremos lá, tenho a certeza, sobretudo se os nossos colaboradores de fora não omitirem dados importantes, de modo que...*

*Aonde quer chegar, agora... de novo ao álibi de Carlo? — pergunta Got incomodado*

*Ao silêncio à volta do indivíduo que se encontrou com ele em Itália e que, supostamente, o contratou. Ambos sabemos quem é esse indivíduo...*

*Se eu souber o mesmo que você, não estou a esconder nada, Gus. Tão-pouco me cabe fazer a detenção que se impõe para chegar ao suspeito principal. Porque não pedem ajuda aos ingleses?*

*A Interpol esteve sempre activa, com contactos permanentes com a nossa Polícia Criminal e com a Scotland Yard. Só ponderam a melhor forma de agir. Ajude-nos você a rodear o indivíduo, ficando atento aos seus movimentos. Nem ele nem os amigos suecos, pessoas que muito estimamos, o conhecem a si...*

*Got fixa o comissário. Tem quase a certeza de não ser um desconhecido para essa gente, mas sobre o assunto é melhor não dizer nada, por enquanto*

*O prestígio dessas pessoas “estimadas” não merece a revelação da verdade, Gus?*

O comissário pondera as palavras

*Essa tem sido uma questão amplamente debatida pelas autoridades envolvidas: revelar-lhes ou não o que foi apurado. Poderia ser benéfico, deitar-se-ia tudo a perder? Não sabemos*

*Bom, digamos que alinhio no cerco ao indivíduo: posso fazê-lo ao meu modo?*

*Claro, Got, se nos mantiver informados para coordenarmos esforços, portanto...*

*Mal tenha dados novos, aviso. Só mais uma coisa: quero dividendos do meu esforço*

*Está a dizer o quê, concretamente? Gus tem agora rugas profundas na fronte*

*Compensação moral, a minha contribuição nos vossos relatórios, na Imprensa...*

O comissário sueco agora fica chocado

*Mas isso é um ponto de honra, Got... nem precisava de o lembrar. Se até agora nos mantivemos calados em relação ao prestígio dos nossos colaboradores, foi só para proteger a eficácia da própria investigação*

*Só mais um detalhe que considero importante respeitar, Gus: em nome do sucesso da colaboração, a partir de agora seremos desconhecidos, cada um por si, concorda?*

*Perfeitamente, estamos combinados*

Engdot apita lá fora. Entram na viatura. O estrangeiro pede para ficar no centro da cidade. *Na Kungsgatan, quero comprar umas lembranças para o meu filho na Tourist Shop.* O comissário regressará ao gabinete. Calcula que o colega já tenha mergulhado numa investigação privada, morto por recuperar a credibilidade antiga. Não tem coragem para lhe lembrar que a ruína das pessoas e dos Estados tem sido a acção sob o lema de *cada um por si...* A cooperação é fundamental. Abdicar de alguma liberdade e privilégios em troca da segurança colectiva é a base do maior contributo deixado por Rousseau.

## VIII.

São poucas as palavras que ainda me obrigo a registar na hora de adormecer. Escrevo como Ionesco em *A Busca Intermitente*, frases soltas como fragmentos dos dias, um diário tão incipiente como prioritário. Não é um capricho, é uma necessidade psicológica de não esquecer de repensar a minha identidade depois daquele período cinzento.

Começou logo a seguir ao acidente, por razões minhas que costumo aflorar com relutância. Um dia terei de falar delas de forma minuciosa, por agora ainda estou em fase de banir aos poucos o recalçamento, assumindo recordações depuradas.

Foi ao cair da noite, uma noite calma de Verão perturbada pelo telefonema breve. Era uma despedida seca sem conotações com a nossa história comum, um adeus isolado no eco de momentos bons. Depois o silêncio era cortado bruscamente por portas a bater, um carro em movimento, vozes a dizerem *sangue...* E como se tivesse entrado numa vinheta de banda desenhada, logo a seguir soavam gritos, sirenes, havia luzes imaginárias ou reais impressas no espaço em gráficos símbolos. O que revejo todos os serões ao deitar é aquele ruído povoado de imagens difusas, as imagens povoadas do rótulo agressivo da desistência, o sono a negar-se a embalar o meu corpo prostrado, tão fortes eram as pancadas na lembrança.

Terapia? Fiz durante muito tempo, não consegui apagar os sonhos recorrentes. Só o trabalho e a respiração das letras simulam o bafo quente do aconchego que a vida ainda me deve. Por falar em respiração, foi uma das sugestões do analista que me tem acompanhado: *Quando o sono se negar a vir, controle a respiração, centre-se nela inspirando lentamente, expirando lentamente...* isso. Essa conversa tem-me ajudado tanto como as palavras de Fédon de Élis, *O Banquete*, de Platão: “*Que entendo eu por amor? Às acções desonestas liga-se a desonra; às boas acções liga-se o amor...*” Agora estou concentrada nas boas acções, no trabalho e nas relações sociais. Quero esse tipo de amor.

...

Desperta com um ruído discreto. Será a porta da rua a bater? Sob o calor do edredão revê as últimas horas do dia anterior. Pela primeira vez em muito tempo não deu por nada depois das recomendações de Klara: *Acho melhor descansares*. Só tem memória de se atirar de costas para a almofada com as revistas na mão, de pegar no telemóvel para ver se havia mensagens, de olhar o tecto de tábuas. Depois uma textura de imagens sobrepostas, céu e mar, luz e sombra...

O mais certo é ter adormecido sem leituras, sem ver o registo de mensagens. Estranho... não teve insónia a ruminar pensamentos óbvios como, por exemplo, se teriam os homens do táxi voltado. Nem se debateu com os medos que a tomaram quando seguiu as decisões de uma estranha. Ergue-se sem dificuldade, enfia o roupão, assoma ao umbral da porta. Da torre da catedral soa uma badalada, meia hora depois das sete, uma cadência molhada indica manhã de chuva. A janela parece entreaberta, talvez para acolher a baça luz do exterior. Sobre a mesa da sala está um bilhete de Klara, entre o termo cor de cereja e um cesto de vime tapado com guardanapo

*Bom-dia, Maria Ana. Quando saí para comprar pão e bolos (levanta o pano do cesto), reparei num táxi que parecia o mesmo em que vieste ontem. O motorista estava semi-escondido no umbral de uma porta. Achei tão estranho estar ali como se esperasse alguém, que me fui aproximando devagar. Quando reparou em mim, desatou a correr até à praça, entrou na viatura, arrancou antes de eu poder acercar-me. Agora pasma com a revelação: lá dentro aguardava o tal indivíduo do boné, a tapar a cara com um jornal.*

*Arranja-te, vai adiantando o teu trabalho. Quando eu chegar, talvez antes da hora de almoço, já terei descoberto alguma coisa sobre eles. Vou passar a manhã a pesquisar. Outra coisa importante: a janela da sala estava aberta. Se foste tu durante a noite passada, não o faças de novo, nem afastes as cortinas. Quem te persegue sabe de mim, dos meus hábitos, agora não tenho dúvidas.*

Sobre os acontecimentos bizarros da véspera nem uma palavra. Prometera investigar junto das autoridades, com quem tem boas relações, os perseguidores do dia anterior através do registo da matrícula. Veremos se consegue.

Corre a fechar a janela. Não consegue perceber como se abriu, de novo, já que a sua anfitriã sugere tê-la cerrado antes de sair. Volta à mesa com o sentido no café do termo. Deita um gole numa chávena azulada. Sabe bem, reforça as energias mentais. Animada com a qualidade da bebida, enche a chávena, senta-se uns minutos a provar o pão fresco com compota de mirtilo, enquanto vai cerzindo pensamentos. Não esperava estar retida, por assim dizer, na saleta de uma casa particular. Os enviados especiais da con-

corrência já devem andar por aí. O Zé Francisco, seu repórter de imagem, só deve chegar depois de amanhã.

Vai ao quarto procurar roupa confortável. Já na casa de banho, quase a despir-se para entrar no duche, ouve um barulho insistente do lado exterior da janela da sala, nem sonoro nem discreto, depois o baque surdo de um corpo no soalho como se tivesse sido empurrado.

Não sai do lugar, só os olhos vagueiam à procura de uma arma. O silêncio da casa é povoado de ambiguidades: uma sensação de presença furtiva, um ofegar mal disfarçado, um coração a bater, afinal o seu... Ajudam-na pormenores de uma anterior cartografia do espaço: o armário com os objectos desiguais. Ousa abri-lo com cuidado à procura do martelo de madeira na caixa de ferramentas.

Agora são nítidos os passos na saleta, mais perto, no corredor. Espreita quando o homem mergulha a cabeça no quarto. Rápida, desfere-lhe um valente golpe na nuca antes de lhe dar tempo a voltar-se. O boné de lã xadrez voa-lhe da cabeça, o corpo cambaleia rente ao bordo da cama. O seu perseguidor desde o aeroporto esparrama-se no chão de tábuas.

Amarra-lhe os pulsos nas costas com o cinto do roupão. Treme como varas verdes. Enquanto as mãos trabalham, a cabeça navega por gavetas virtuais em busca de mais atilhos para os tornozelos. Uma toalha... será que daria resultado? Acaba por ser a toalha da mesa a salvá-la, enrolada em diagonal numa tira comprida.

Puxa-lhe o rosto para o lado, não vá ele ficar impedido de respirar e morrer. Se essa fatalidade acontecer ali, num lugar onde se encontra incógnita, vai ser difícil justificar a sua presença no apartamento, a inocência no crime. Afinal bateu-lhe com um martelo de madeira. Não é nada confortável perceber que qualquer pessoa, de conduta antes irrepreensível, se pode transformar numa criminosa numa fracção de segundo.

Só nessa altura repara que o estranho parece mais novo. Terá entre quarenta, quarenta e cinco anos, cabelo castanho ondulado, testa alta. As sobranceiras pouco fartas descem sobre as pálpebras inchadas. A boca meio aberta, de lábios cheios, tem os cantos descaídos. Ajeita-lhe uma das mãos grandes, de longos dedos sem anéis. Deve pesar à volta de noventa quilos, altura um metro e oitenta e cinco.

Anota os pormenores no verso da folha deixada por Klara e a hora da ocorrência: 7.49 da manhã. Quem dera que a sua anfitriã telefonasse, para saber ou transmitir novidades. Se o estranho vier a si e criar resistência, como podem os seus sessenta quilos lidar com a situação? Desesperada coça a cabeça. Sem o apoio de Klara não seria má ideia pedir ajuda à mãe dela, à polícia, ao homem do táxi...

Nesse instante uma corrente de ar gelado invade a sala. Vai até à janela,

afasta as cortinas. Tinha-se esquecido da entrada furtiva do estranho apesar de ter fechado a janela. Agora espreita para o fundo da rua: o taxista, o mesmo que a trouxera à Mälartorget, está encostado ao toldo de uma loja. Com certeza tem o carro na praceta próxima. Distraído, cofia o bigode negro de cabeça inclinada para trás, perdido nas janelas do prédio em frente.

De repente dá por ela, fica imobilizado. Depois, numa reacção que não podia ser mais desconcertante, salta para a calçada e começa a correr. Mal vê duas cabeças assomarem às janelas próximas, Ana recua fechando de novo as vidraças. Desta vez corre o ferrolho de segurança na parte horizontal da moldura, para maior protecção. Oxalá nenhum vizinho avise a mãe de Klara... nem ela, dando pelo ruído no andar de baixo, se precipite pelas escadas para vir espiar.

A luz da saleta... onde estará o interruptor? Descobre-o mesmo à entrada da porta. Com a sala iluminada acerca-se do corpo inanimado no soalho, ergue-se para rodar o espaço à procura de material de *gangster*, como dizia em criança... Cordas não há, só gemidos no quarto a exigirem atenção. Afinal a pancada não foi grande. Nem cinco minutos decorreram e o homem já tenta libertar-se com uma destreza perigosa, apesar da toalha nos tornozelos. Pega no martelo, aproxima-se dele

*O que está a fazer? Se tenta libertar-se, bato-lhe novamente, desta vez com força bastante para não acordar o dia todo. Diga lá o que quer de mim*

Ele sossega, tenta levantar a cabeça para se fazer entender. Ou é ilusão dela por causa da pouca luz, ou tem lágrimas nos olhos de um azul-acinzentado. Seria a posição de esforço que os raiou de vermelho, uma noite inteira em branco, a humilhação? Balbucia uma pergunta

*Onde está a sua amiga, a dona da casa?*

*Primeiro diga o que pretende, por que razão entrou aqui como um criminoso...*

*Só falo quando ela estiver. Duas gotas de saliva escorrem-lhe pela face*

*Então terá de esperar. Já agora... o seu amigo taxista desapareceu, mal me viu*

O indivíduo recebe a notícia como se recebesse outra pancada. Deixa cair, de novo, a cabeça no soalho. Permanece num silêncio entrecortado por ligeiros movimentos para respirar melhor. Ela senta-se no sofá-cama de Klara, dá voltas ao pensamento. Como sabe ele que a Drottning é a dona da casa? Alcança uma revista do cesto de latão, começa a folheá-la sem reter palavras nem imagens. Finge uma indiferença que não pode sentir. Está tomada pelo medo, pela ansiedade, por um batalhão de dúvidas. E o pior é que sente pena do intruso por lhe impor uma situação tão constrangedora.

Encosta a cabeça à parede. O clima denso traz-lhe recordações dolorosas.

IX.

No quarto dia depois de regressar do Sul já ele tinha telefonado para o apartamento de S. Pedro do Estoril umas cinco vezes para saber de mim, uma delas de madrugada. A voz era aguda, irritante, tão diferente da que lhe conhecera

*Precisamos de falar... é urgente*

Hesitava em fazer revelações, mas continuava em linha esvaziando o tempo, emitindo ruídos estranhos. E desligava, sem concluir o que pretendia.

Sentada na almofada para parecer mais alta, eu esfregava as mãos de repente frias, encharcadas em suor, alcançava a esferográfica e o bloco-notas na mesinha do outro lado. O caderno tinha dois telefones úteis, um deles o da polícia. Fazia a ligação? Tentava salivar, incapaz de decidir. Tinha a boca e a garganta tão secas que esvaziava a água do copo na mesa de apoio, mesmo à mão. Mal tinha tempo de me recompor, já metida entre os lençóis, estremecia de novo com a campainha do telefone. Era ainda a voz metálica a ordenar, com desespero à mistura, o mesmo de há pouco em tom ameaçador

*Precisamos de falar urgentemente.* E expelia o ar como rajada de vento

*Por quê... para quê, afinal? — conseguia eu balbuciar*

*A chave que encontraste na bailarina de porcelana pertence-me, tens de a depositar num apartado da estação dos CTT*

*Não sei do que estás a falar... Sabia, e dava por mim a tremer de medo*

*Vou deixar o número do apartado na tua caixa de correio*

E desligava bruscamente, como da vez anterior. Depois silêncio, uma dor silenciosa. Reclinada sobre a cabeceira da cama com o telefone na mão, meditava naquela ordem fazendo-me perguntas sem resposta. Adormecia? Talvez um sono agitado, descontínuo, povoado de fantasmas sem rosto.

Numa moldura negra a porta do quarto abria-se devagar, como se agisse sozinha. Após uma luz mortiça, um encapuzado alto, de gabardina cinzenta, invadia o espaço mergulhado em sombras, acercando-se da

cama. Segurava uma lanterna enorme, fazendo incidir a luz no meu rosto por segundos intermináveis.

O resto da saliva queimava-me a boca, a cabeça latejava. O homem agia como se estivesse empenhado num bailado perturbante. Fixava-me o rosto, ora aproximando ora afastando o foco de luz. Eu tremia de medo quando os raios incidiam nos meus olhos, mas era um medo volátil, dos que não temem consequências, como se soubesse que nada daquilo era real. Não lhe via o rosto, não lhe ouvia a voz, descodificava apenas o silêncio. E sabia quem era, o que pretendia: a chave que eu encontrara na moradia do Sul.

Muito antes de o despertador tocar, um cão ladrava longe, no sonho ou no quintal das traseiras, soavam passos nas escadas do prédio. Levantava-me aos tropeções, encostava o ouvido à porta, ficava descansada por serem os vizinhos madrugadores, não a minha imaginação. Colocava a corrente na calha, uma medida que devia ter tomado na noite anterior, vinha à janela da sala olhar o movimento da rua. Por entre uma neblina suave só silhuetas sombrias rasando a luz dos candeeiros, os faróis solitários de um ou outro automóvel afagando o piso húmido, o portão da garagem a ranger no beco perpendicular.

Voltava ao quarto, sentava-me na cama. As mãos ainda tremiam... as palavras dele prenunciavam dias de instabilidade. Escusado será dizer que amanhecia mais cedo. Via a cor anilada do céu na janela da cozinha, a nascente, enquanto bebia uma chávena de café como se tomasse um medicamento, preparava um banho cheiroso, escolhia uma roupa bonita. Precisava de me sentir viva, tinha decidido encontrar-me com alguém que me pudesse ajudar.

Pedro Silva Luz gozava uns dias de férias na sua *cabana*, em Sintra. Às vezes chamava-lhe *a chácara do desencanto*, outras vezes *toca das ervas de cheiro*. Uma coisa ou outra, seria. Todos os amigos lá iam ter aos sábados se precisavam de curar a dor de corno em almoços de *tagliatelli* com molho de tomate, basilico e cebolinho. Se era coisa passageira, iam embora a seguir; se a doença era fatal renunciando apartamento definitivo, ficavam para o jantar, espetadas de tamboril com gambas preparadas pelo pescador amigo que as fornecia.

Ninguém queria sobrecarregar o Pedro mais do que a conta. Por um lado também ele se debatia com as preliminares de um divórcio. O casamento com a Gisela começara mal logo de raiz, apesar de serem duas almas de eleição. Depois já abonava a casa, o vinho, o azeite. A regra era fazer uma vaquinha para pagar os outros géneros, ficando toda a gente de consciência tranquila para encher o papo regado com muita herdade da Bombeira.

Marcava o encontro com ele num cafezinho pequeno em S. Pedro de Penaferrim, onde durante tempos debitei mágoas e lhe ouvi conselhos. Era

cedo, o capacete espesso de nuvens aprisionava a ramagem a descer pela serrania, ameaçando desabar sobre o tecto do meu *Yaris*. Antes de estacionar já o avistava à porta do estabelecimento sob o toldo amarelo-canário, de cigarro na boca. Parecia agitado... teria eu interrompido algum idílio? Indicava-me um dos lugares vagos sob o ulmeiro, como se não houvesse mais nenhum. E ainda eu manobrava já metia a cabeça pela janela

*Que urgência é esta, afinal, não podias contar por telefone?*

*Não podia, vais perceber num instante*

Já sentados à mesa de sempre, primeiro os olhos nos olhos. Pedro inventara esse jogo de adivinhação: *só pelo olhar sei o que te vai na alma*. Mas daquela vez não conseguia adivinhar. Relatava-lhe eu os pormenor da viagem ao Sul, os estranhos telefonemas para minha casa altas horas da madrugada, os ruins pressentimentos sobre as intenções de Raimundo. Enfim, acabava por contaminá-lo com o veneno dos meus receios enquanto ele emborcava café sobre café.

Depois de uma longa pausa, talvez a ponderar a gravidade da situação, Pedro começava por debitar recriminações previsíveis: que tanto ele como a ex-mulher me tinham proibido de aventuras na estrada a seguir ao internamento, que me tinham recomendado rejeitar telefonemas da personagem que a todos iludira... Finalmente serenava, revelando informação importante ao correr da conversa

*Já que falas no assunto... quando Raimundo chegou da Escócia, veio ter comigo. Queria saber se já tinhas saído do hospital, se havia sequelas graves do acidente*

*E tu, disseste-lhe alguma coisa sobre o meu regresso à moradia?*

*Acho que sim, Joana, devo ter mencionado a viagem de tantos quilómetros mal te davam alta. Depois conversámos de novo uma tarde, já tu tinhas regressado a casa*

*E dessa vez falaram sobre o quê?*

*Só me lembro de o achar muito agitado a insistir numa conversa sobre a herança...*

*Contaste-lhe da chave que encontrei na estatueta de cerâmica?*

*Não consigo reconstituir o diálogo... conheces a minha falta de memória*

*Só tu ou a Gisela o poderiam fazer... não falei do assunto a mais ninguém*

*Então teria sido ela... não tenho a mínima ideia de ter abordado esse detalhe*

*Referiu a chave... exigiu que a fosse colocar num apartado dos correios, imagina*

Pedro acabava por concordar: era uma atitude inaceitável. Toda a gente sabia que Raimundo andava deprimido, numa fase difícil. Não conseguia

escrever, não lhe renovavam a bolsa de investigação, a pesquisa já amplamente divulgada ficava em *stand by*. Depois as economias não chegavam para a renda do apartamento. Valia-lhe a namorada recente, uns pares de anos mais nova, com lugar garantido numa universidade da Escócia. Mas se viver de favores deixava qualquer um de rastos, não justificava comportamentos daqueles. Eu voltava a questionar

*Mas que relação terá a situação dele com a chave... ela afinal abre o quê?*

Pedro não podia saber. Nem me ouvia, ou talvez sim, com o olhar perdido para lá da janela. Finalmente bebia o último trago da terceira chávena, limpava a boca devagar com o quinto guardanapo e fitava-me com ar grave

*Olha, Joana... há ano e meio estava convencido de ele ser a pessoa ideal para ti. Agora, como tu mesma disseste, admito que se tenha aproximado para conhecer gente útil... Ou talvez não.* Levanta os braços, meio envergonhado. *Estou a julgá-lo sem elementos fiáveis, como fazem os provincianos que eu critico*

*Sugeres que eu faça o quê, se ele voltar a incomodar-me por causa do assunto?*

*Fala com o advogado, apresenta queixa na Polícia. Se antes disso te ameaçar outra vez, diz-lhe o que tencionas fazer. Ele não é parvo... bem sabe que as investigações depressa hão-de seguir no seu rasto*

Entrava em casa ainda confusa. Não tanto como à saída: Pedro indicara-me as ferramentas de defesa que estavam diante dos olhos. Só me incomodava a ideia de manchar o nome do homem com quem partilhara a vida. Merecia-o, mas há um sentimento de inquietante afecto por aqueles que algum dia nos quiseram bem. Afecto porque a alma nunca rejeita as gratas impressões, elas destacam-se das outras; inquietante porque a lembrança perdura mesmo que a queiramos sacudir.

Procurava lembrar-me de como tudo começara. Tinha vinte e cinco anos, nunca vivera sozinha. Depois de o meu pai partir, percorria o apartamento novo, quase vazio, para me habituar a ser independente. Até que Raimundo vinha morar comigo, parecia-me que há tanto tempo. Fora-me apresentado na festa de casamento de um colega, o José António Cravo: *Este é Raimundo Vilar, assistente de investigação... escritor... por acaso solteiro, como tu.* Dava os primeiros passos em ambas as áreas. Queria projectos arrojados, títulos e géneros literários que vendessem bem. Eu perguntava, como ingénua impenitente

*Porquê, não é melhor escrever ao ritmo do coração?*

Nunca me seduziram homens sem asas nas intenções, mas no limiar da sala, encostado ao arco florido, o seu olhar enunciava errâncias atrevidas, um espelho de imagens novas. E umas semanas depois decidíamos partilhar a vida. A moradia do Sul vinha logo a seguir. Branca, plantada no

dorso de uma colina, rodeada de alfarrobeiras. Aos pés a planície escorregava preguiçosa até ao mar. Alugámo-la para a Primavera e Outono, mais moderados no Sul. Meses depois inventávamos motivos para uma fuga em qualquer momento, empenhados em criar um refúgio longe das multidões. Foram anos sossegados entre paredes de cal, percorrendo a pé os lugares próximos, flutuando no líquido aconchego do oceano.

Tinha-me esquecido das guerras inúteis até àquele dia. Não eram vendavais, só dores agudas como mordeduras silenciosas de cobra. Impiedosas, faziam descer a escuridão sobre a planície, apagavam a identidade da rapariga sonhadora que aflagava, descalça, a tijoleira da sala, dizendo em voz alta poemas inacabados para chamar a inspiração. Só muitos dias depois, no silêncio placentário de quem espera renascer, analisava o estado morno da convivência, até nas noites de amor. Não acabar os poemas... Se fosse perfeita a relação, ou profundamente má, as palavras haviam de fluir sem esforço em composições poéticas de acento diferente.

Já passava da hora de almoço, depois do encontro com Pedro. Tinha de preparar uma refeição, fazer as malas para uma viagem de trabalho. Não podia perder tempo com recordações inúteis. Mas antes de me sentar à mesa soava a campainha da porta da rua, duas vezes. Era ele... E eu carregava no botão e abria, alimentando o fluxo das lembranças que ainda há pouco estancara. Com a mão na maçaneta do elevador antigo perguntava em voz débil se podia entrar. *Não, é claro* — dizia-lhe eu. Segundos depois dava-lhe passagem e sentava-me na sala, à sua frente.

Não o via desde o acidente. Magro, com os olhos castanhos encovados, o rosto inclinado para o ombro esquerdo. Não parecia interessado na chave, confessava apenas que a tinha roubado à namorada, sujeitando-se assim ao julgamento moral. E diante da minha perplexidade mostrava-se tão vulnerável que a ideia de formalizar a queixa ia por água abaixo. Em vez disso bailava à minha frente o excerto de um poema que remetia para uma intimidade que cheguei a crer perfeita: *“No silêncio mais fundo desta pausa/ Em que a vida se fez perenidade.”* Palavras de Saramago. As outras lembranças ficavam retidas num plano sombrio, como vestes guardadas num armário até à estação seguinte.

X.

**C**erra-se a noite com infinita doçura sobre a cidade gelada. Estocolmo é bela até em tons esfumados, quando as últimas centelhas de luz afagam, em despedida, os telhados multicolores.

Stadsbiblioteket, número 73 da Sveavägen. Jovens remetidos ao mundo virtual, em computadores modernos, cabeças inclinadas para a lombada de livros, nas estantes. Três indivíduos na casa dos quarenta ocupam um canto recatado da sala principal para trocar impressões. Expressam-se em inglês. Parecem empenhados num projecto comum aglutinado por amizade e identidade cultural.

Dois parecem suecos, o terceiro fala o inglês polido de Kensington, Chelsea ou West End, em Londres. Dos suecos destaca-se o mais calado pela estatura invulgar, talvez um metro e noventa, pelos olhos verdes enormes num rosto miúdo de mais. O outro tem um aspecto composto, roupa informal alinhada, cabelo louro cendrado já com fios brancos nas têmporas. O inglês parece debilitado: olhar febril em migrações pela sala, rosto pálido com olheiras fundas e negras. Falam de outro elemento ausente, que muito ajudaria a dar pareceres equilibrados. É a segunda vez em poucos dias que reúnem no mesmo local.

O mais composto dos suecos afasta a cadeira para trás. Levanta-se, vai à procura de um livro. *Deve estar na mesa da funcionária, isolado* — disse-lhe o amigo ausente num telefonema breve. E mais nada.

Recomendara-lho por alguma razão especial, relacionada com o motivo dos encontros. Por causa das investigações sobre o crime recente, mostrara-se relutante em usar os meios de comunicação habituais, como se temesse vir a ser escutado ou vítima de pirataria informática. De facto nada é isento de falhas, nem a comodidade do progresso. Tecnologias mais avançadas despertam a vontade de refinação dos métodos por parte dos anuladores de eficácias.

Não vê livros isolados, na mesa, só uma pilha razoável. Inclina-se para ler os títulos nas lombadas. Está mais difícil do que julgava. Arrasta o me-

nos espesso. Tira os óculos do bolso. A funcionária de serviço, a uns dois metros de distância, interrompe o atendimento a um leitor para se aproximar dele

*Como está, Professor? Espera uns segundos, de sorriso aberto. Já sabe quem vai ganhar o Nobel de Medicina, este ano?*

O indivíduo fixa o rosto dela, surpreendido com a abordagem

*Ainda que soubesse não diria, minha senhora... mas não sei, está difícil chegar a um consenso*

*Isso quer dizer que são muitas as escolhas... o que é bom para a Ciência Médica*

*É bom, embora nos dificulte a decisão*

Concentra-se no livro. A rapariga continua parada. Baixando o tom de voz obriga-o a levantar a cabeça e a fixá-la, de novo

*Não está recordado de mim, Prof., fui sua aluna há dois anos... Greta Bäcker*

*Ah... como tem passado, menina Bäcker? Estava justamente a pensar de onde a conheceria. E agora de sorriso franco. A aluna que queria dedicar-se à investigação das modificações genéticas e ficava a conversar comigo, depois das aulas. Tem o cabelo diferente ou é impressão minha?*

*Cortei-o este Verão, foi o primeiro passo para assumir que já sou crescida.*

E ri

*Então agora trabalha por aqui...*

*Estou cá há sete meses a fazer meio expediente. Para terminar o curso preciso de trabalhar*

Vêm pedir-lhe ajuda para resolver problemas. Greta despede-se dele

*Precisa de mais alguma coisa de mim, Prof. Bengtsson?*

*Se precisar, não deixarei de pedir, bem-haja. E vá aparecendo pelo Instituto*

Aproxima-se dos outros com o livro na mão sem reparar no título. O inglês elogia a graciosidade da rapariga. *Um caso novo, finalmente?*

*Nada disso. Foi minha aluna há dois anos. Por sinal muito interessada na matéria, no que se vem publicando. Pretende fazer investigação, é natural que esteja bem informada. Um dia assumiu que esperava vir a ganhar o Nobel de Medicina...*

O britânico deita um olhar mais atento à rapariga, agora de olhos baixos na secretária a escrever. *Bonita, competente... as colegas vêm pedir-lhe ajuda com frequência.* E com o olhar perdido nas estantes para além dela

*Um bocadinho de ambição nunca fez mal a ninguém, mas nem sempre as coisas correm como se espera. Só ganha o Nobel quem ganha, não importa a competência*

O Prof. fica intrigado. *Estás a referir-te ao Nobel de Literatura?*

*Referia-me a todos, mas esse toca-me mais, de facto...*

*O leque de nomes é sempre variado, a dificuldade é escolher entre os mais competentes. Há factores inesperados que podem abalar o prestígio de um acontecimento famoso, mas temos orgulho nas instituições que nos representam, instituições que o mundo inteiro respeita, e na sua imparcialidade. Teremos alguma culpa de que ressentimentos mesquinhos alterem o carácter de proponentes, de admiradores ou de nomeados?*

O tom agressivo do britânico volta a surpreender

*Não falava das implicações do crime nas decisões. Não conhecia suspeitos, nem a vítima, nem oponentes...*

Agora um silêncio incómodo. Raramente alterado, o Prof. resolve desafiá-lo

*Como podias conhecer? As autoridades ainda nem falaram do perfil do, ou dos suspeitos. Mas já incomoda tanta alusão maldosa à parcialidade por motivos políticos ou outros*

O de olhos verdes dá-lhe razão, limpando a fronte com um lenço de papel

*Quem está de fora não valoriza o empenhamento de quem decide. Claro que há divergências naturais durante o processo de selecção, mas isso não devia ser pretexto para tanta contestação*

Os problemas maiores, os entraves, começam no país de cada laureado — continua o Prof. — *Não se lembram da reacção de alguns intelectuais turcos à nomeação de Ohran Pamuk?*

Por razões políticas — torna o britânico colérico, como se estivessem a comparar o incomparável — *pela sua defesa de turcos e arménios... mas neste caso é diferente*

Cala-se bruscamente. Os olhos dos outros dois estão cravados no seu rosto, cheios de perplexidade. Deve estar a misturar sentimentos e a dar uma dimensão exagerada a coisas sem importância. Balbucia então uma desculpa que lhe deve custar os olhos da cara. O remate do Prof., amigo de longa data, restabelece o carácter pacífico da reunião

*Não importam os motivos, a contestação faz parte do processo. E dando-lhe uma palmada no ombro: Estás pronto para resumir o fundamento de mais este encontro?*

O inglês transfere a pasta negra do chão para o regaço. Procura lá dentro um dossiê pouco volumoso que atira para o centro da mesa. Mal pousa a pasta no chão, abre-o na marca amarela de cartão plastificado. Presa ao canto superior direito da página com uma tira de fita-cola muito fina, está uma fotografia a preto e branco que ele solta com cuidado

*Este é o assunto de que vos falei na reunião anterior...*

O Prof. volta a franzir a testa. Como pode aquela morena bonita, que

segundo o amigo deve ter chegado recentemente à cidade, ser um assunto preocupante? Aproxima a fotografia do outro sueco. *O que te parece, Jan?*

*Inofensiva... já tive ocasião de o dizer. Quem havia de querer fazer-lhe mal?*

E encarando de novo o inglês: *Sugieras na reunião anterior que a apoiássemos...*

*E continuo a sugerir... corre perigo pelas razões que vos aponteí nessa altura*

*Lembra-nos que tipo de apoio ou protecção podemos nós prestar-lhe — pergunta o Prof. sem tirar os olhos da foto*

*Companhia sempre que possível, não a quero sozinha... comunicação entre nós sobre os passos que der, para a podermos socorrer no caso de precisar, só isso*

O mais alto abana a cabeça, pouco convencido. Esta obsessão do britânico está a tirar-lhe tempo precioso. Para dizer a verdade o Prof. pensa o mesmo, mas se um dos maiores amigos pede ajuda, não tem como lha negar. Vai percorrendo a foto com o indicador direito, enquanto as linhas do seu próprio rosto se vão suavizando

*Acompanhá-la... isso depende dos nossos momentos livres, da vontade dela. E com uma expressão quase solene: Achas que posso ficar com esta fotografia?*

O inglês sorri com ironia

*Claro, tenho outra igual, mas é bem possível que tenha mudado. Esta foto tem quatro anos, entretanto teve um acidente...*

*Um acidente — balbucia o Prof. E uma nuvem de tristeza escurece-lhe o rosto.*

O inglês recosta-se na cadeira, com a cabeça para trás, depois volta a endireitar-se. *Bom, insisto na necessidade da vossa colaboração. Amanhã ou depois voltarei a contactá-los. Olha o relógio. Tem de apanhar o autocarro que o levará a outra cidade para norte de Estocolmo. O mais alto aproveita para sair com ele. Quando se afastam, Greta aproxima-se outra vez do Prof. com um livro pequeno na mão*

*Desculpe, Prof., este livrinho estava comigo em cima da secretária. Há pouco não reparei que levava o livro errado... aqui tem*

*Quem lhe disse que eu procurava este livro?*

*O seu amigo confiou-mo... passou por cá ontem à noite ainda eu estava de serviço*

*Não sabia que se conheciam...*

*Cora ligeiramente. Encontrámo-nos um dia no final da sua aula, não se lembra? Ficámos depois os três a conversar até tarde*

*Claro, agora que fala no assunto...*

*Levou-me a casa, depois* — continua a jovem. *Foi nesse dia que nos conhecemos*

O Prof. agradece, mete o livro no bolso e sai, de gabardina no braço. Já sentado na carruagem rumo a Solna, tira o livrinho do bolso, uma edição da Heinemann Educational Books Ltd de 1966, da autoria de H.G. Wells, *The Time Machine*. Sem cota. O livro deve ser do amigo. Abre-o na página dobrada como se fosse um sinal. Nada lhe desperta a atenção, a não ser umas letras escritas a lápis, em nota de rodapé: *Cuidado...* e os números 17-23. Precisa de ler o texto com atenção para perceber se há mensagens, implícitas ou sublinhadas.

Mal entra em casa atira a gabardina para uma cadeira, afunda-se no *maple* habitual. A leitura da página dobrada não lhe dá nenhuma pista. Frustrado, folheia o livro várias vezes entre as páginas dezassete e vinte e três. Relê-as, à procura da organização dos textos bíblicos. Nada, nenhum indício. Antes de se torturar com mais voltas à cabeça, regressa à página indicada, a 36. Agora resolve fixar as palavras entre as linhas dezassete e vinte e três: “*Where population is balanced and abundant, much child-bearing becomes an evil rather than a blessing to the State...*” Alguém costumava referir este pensamento e partilhá-lo... quem?

Levanta-se, vai preparar uma refeição ligeira. Quando volta a pegar no livro, descobre por acaso, entre o epílogo e as notas, mais uma mensagem manuscrita a lápis: “*Acabo de chegar, vou estar a noite toda numa missão importante. Lamento não poder ir ter convosco, mas garanto estar com o espírito da reunião, muito mais perto do alvo. Já agora, sobre a viagem: a identidade confirma-se, como se esperava. Recomendo-te cuidado. Temo que o perigo ronde pelo lado que menos esperas...*”

## XI.

Só duas horas depois se abre a porta da entrada, está ela sentada à mesa a fingir que trabalha e o estranho de braços no chão aparentemente a dormir. Klara brinda-a com um *ursäkta mig, Maria Ana*, como se invadisse espaço alheio, mas o sorriso de quem conseguiu novidades a meio da manhã morre-lhe à nascença, mal avista os tacões de uns sapatos masculinos de fora do perímetro do quarto.

A boca aberta sem dizer palavra, o braço estendido na direcção do homem, bem mereciam uma foto divertida, se o caso fosse para rir. Pelos vis-  
tos começam a investigação com outra investigação preliminar e o melhor, pensa Maria Ana, é pôr a sua anfitriã ao corrente

*É tudo muito estranho... mas foi assim, Klara*  
*KLARA?*

O riso do indivíduo ao ouvir pronunciar o nome, assusta-a. E no entanto atrai Drottning como um íman para o local do “crime”. *Lars?*

Atrás dela Maria Ana faz por descobrir quem é Lars, porque usou o seu táxi, porque se atirou para a saleta como um *kamikaze*... E sente uma vontade louca de sair dali para fora quando Klara começa a desamarrá-lo com vigor. Ao fim de poucos segundos estão sentados à mesa como velhos conhecidos, Ana aturdida a engolir o resto de café do termo sem tirar os olhos de ambos. Lars diz que precisa de movimento, não aguenta mais estar sentado. E já de pé castiga-a com o sobrolho carregado, enquanto vai esfregando os pulsos e sacudindo uma perna de cada vez. De repente retoma a ironia: *Maria Ana... Klara... belas amigas, vocês duas*

É a vez de a sueca encarar a convidada com um olhar desconfiado, do outro lado da mesa. *Afinal não te chamas Maria Ana?*

*Sou Joana Cabral Cid, o pseudónimo encobre a minha identidade*  
*Mas os trabalhos científicos...*

*Assinados por Maria Ana Cabral, o nome da minha mãe. Agora tu...*

*Klara é o nome do bairro onde nasci há trinta e nove anos como Ella Lindberg*

*E Drottning?* — pergunta Joana aborrecida  
*Uma noite lembrei-me de usar o nome da rua pedonal que já conheces*  
*Mas na net esse nome aparece como o de uma investigadora experimen-*  
*tada*

*Bem sei... propu-lo às polícias locais para investigações melindrosas. Li-*  
*gadas a este e a outros casos só há frases comuns sobre o mérito de Klara*  
*Drottning, mas se procurares bem, encontras referências ao trabalho teórico*  
*de Ella Lindberg*

*E este Lars?*

Ella troca um rápido olhar com o homem já a seu lado, depois volta a encará-la para atirar uma bomba: *Meu ex-marido, Lars Sjöström...*

Joana tem agora a cabeça em ebulição, uma chaleira ao lume pronta a expelir o vapor. Nem sabe se diga ou se faça alguma coisa. Os pensamentos atropelam-se, a vontade de ficar sozinha é a única que vinga. E no entanto continua agarrada à cadeira, incapaz de uma reacção qualquer. Lars não deve ser má pessoa. Depois da tortura a que o sujeitou, parece condoído do seu estado de choque

*Também faço parte da investigação, Joana... trabalho no Laboratório*  
*Nacional Sueco de Ciência Forense, o SKL*

Ella acrescenta alguns dados, como se estivesse em sintonia com ele

*Lars tem especializações em muitas áreas, mas é colaborador assíduo das*  
*Rikskriminalpolisen e Säkerhetspolisen, coordenando o trabalho integrado na*  
*Rede Europeia de Institutos de Ciências Forenses*

*Mas estava em Portugal a fazer exactamente o quê?*

Ella mostra-se tão interessada em respostas como a sua convidada. *E aqui, no meu apartamento...*

Sjöström começa as revelações. *Obtida carta verde das autoridades*  
*portuguesas, estive no Algarve a recolher material de ADN na casa do inglês*  
*assassinado, sempre atento ao que as imprensas escrita, audiovisual e on-line*  
*iam veiculando*

*Sim, mas como ficou a saber tanta coisa de mim — interrompe Joana —*  
*até com quem viria encontrar-me mal chegasse a Estocolmo?*

Lars faz um sorriso irónico

*Acredite que não batalhei muito, foi só fazer uns contactos, pedir-lhes uns*  
*telefonemas para as redacções. Conseguiram-me tudo quanto eu precisava...*  
*Da sua estação deram o nome da enviada especial — você — e até o pormenor*  
*do encontro em Gamla Stan com Klara Drottning, que eu já sabia quem era,*  
*só não podia imaginar que escondessem uma da outra a verdadeira identidade*

*E daí apanhar o mesmo avião...*

*Havia outros motivos, mas fiz por isso, é verdade... não queria perdê-la*  
*de vista*

Ella mete-se na conversa. *E como aparece no meio disto tudo o homem do táxi?*

E Joana a reforçar a pergunta

*De facto você tem andado no táxi que me trouxe aqui, só agora ligo o bater daquela porta duas vezes para se conseguir fechar*

Lars parece morto por responder

*Conheço Axel há anos, colaboramos com frequência. Prometeu apanhar-me no aeroporto. Contava então dar-lhe boleia a si, quando aterrássemos... mas você desatou a fugir como uma louca*

Lindberg parece ausente. A revelação do nome masculino funciona como chicotada no seu corpo. *Estavas a falar de Axel... o Axel que ambos conhecemos?*

Lars acena que sim. O rosto da ex-mulher passa então do pálido ao vermelho, do vermelho ao pálido, de novo, com os olhos a chisparem punhais de ressentimento. Joana não percebe porquê. Fica para depois, agora quer mais revelações sobre as voltas dele e só pode consegui-las travando o ímpeto de Ella

*Deu então indicações minhas ao seu amigo, presumo...*

*Da Portela mandei-lhe um e-mail com uma fotografia, falei-lhe da sua roupa, malas, cabelo. Só não podia prever que ele fosse obrigado a fazer-se passar por motorista de táxi, conforme me comunicou já eu esperava a bagagem em Arlanda*

*Ainda me viu entrar no táxi?*

*Vi... Axel estava bem disfarçado. Soube depois que tinha recebido notícia da chegada de um suspeito. Não queria ser descoberto por ele, nem podia recusar uma passageira sem atrair atenções. Eu voltei atrás, tomei o comboio seguinte, cheguei num instante à Estação Central. Depois apanhei o metro para Gamla Stan. Precisava de confirmar se você vinha ao encontro da minha ex-mulher*

Lindberg franze a testa.

*Porque merece Joana a tua preocupação, a pronta intervenção de Axel?*

*É palinóloga, neste caso leva vantagem sobre os outros jornalistas, expõe-se mais...*

Ella agita-se na cadeira, decepcionada com a pouca substância da revelação

*Só isso? Estou farta de saber desse pormenor, ou achas que procurava o contacto dela se apenas fosse uma jornalista de investigação?*

*Não é só uma jornalista... é a coordenadora do departamento onde trabalha*

Joana levanta-se bruscamente, bate palmas. Aqueles dois sabem quase tudo da sua vida, mas a sensação não é gratificante. É descon-

forto o que sente, como se a tivessem desnudado. A simpatia com que foi recebida por Klara Drottning está agora manchada pela verdadeira identidade de Ella Lindberg e a intuição sopra-lhe que deve sair dali quanto antes

*Desculpem, mas tenho de me instalar noutro lugar. Vim para trabalhar, estou a precisar de acção. E fixando os olhos pardos da sua anfitriã: Obrigada pelo acolhimento, Ella, mas vou falar agora mesmo com o meu director e pedir carta branca para recolher a um hotel*

Atira a decisão exactamente assim, de forma quase rude. E sem querer adiar mais um segundo estabelece contacto com Lisboa

...

*Viva, Leonor*

...

*Sim, está tudo controlado. Podes chamar o Pedro Silva Luz?*

...

*Pedro, houve agora mesmo uma alteração de planos. Só quero comunicar que vou a caminho de um hotel, pode ser?*

...

*Não é boa altura para explicar, de lá falo contigo para contar pormenores*

...

*Sim, aconteceu, mas não te apoquentes. Depois de amanhã vou encontrar-me com o Zé e nessa mesma noite já devo estar a postos para entrar em directo. Volto a ligar a seguir ao almoço*

Enquanto arruma a bagagem, ouve as vozes de ambos na sala, em conferência pouco amigável. Ella, um dos elementos da equipa de investigação, não deve perdoar a Lars nem ao tal Axel terem-na excluído do *complot*. Acaba de fazer figura de parva diante de uma estranha. Já Lars parece aliviado quando Joana aparece de malas prontas, como se tivesse levado a cabo com êxito uma pequena vingança contra a ex-mulher. Começa a discar o número do amigo para lhe arranjar transporte, mas ela consegue impedi-lo a tempo

*Não, Lars, não conheço esse indivíduo nem as suas intenções, prefiro um nome qualquer da lista telefónica, se não se importa*

Ella aceita fazer o telefonema para um número da lista, depois afasta-se até à janela mantendo-se de costas voltadas, amuada. Talvez preferisse negar a Joana o abraço de despedida, mas ela não prescinde desse gesto. Toca-lhe no braço, quer manifestar-lhe a gratidão pelo recolhimento de uma noite

*Desculpa-me a decisão, Ella, mas sinto-me enferrujada, inquieta*

*Tu é que sabes. Afinal de nada valeu contactar-te, nem sequer fomos ao local*

Não lhe dá resposta. Esse assunto é o que menos lhe importa, agora. E aproximando-se de Sjöström

*Desculpe-me também a violência de há pouco, Lars... não sabia quem era*

*Deixe lá isso, Joana, invadi o espaço onde repousava, de certo modo a sua privacidade, embora por uma boa causa*

*Não disse qual, mas pode dizer agora... parecia atitude de personagem de um filme*

*Pensei que ninguém fosse querer saber desse detalhe*

A Lindberg roda a cabeça para encarar o ex-marido com uma nuvem de rancor no rosto, mas nem por isso o desarma

*Metade da janela esteve sempre aberta, ou mal fechada... nunca mandaste arranjá-la, Ella. Pensei nisso a noite toda, quando admiti que podia ter de socorrer alguém...*

*É a vez de a ex-mulher esboçar um sorriso irónico*

*Socorrer... Sinceramente, Lars, é mesmo modo de pensar de personagem de ficção*

*Sjöström não fica melindrado*

*Já sei o que te passa pela cabeça: como calculava eu que ela viesse aqui parar, não é? Conheço-te bem, mal soube do vosso encontro presumi que a trouxesses até cá para falarem à vontade. Foi só pôr Axel ao corrente e fazer o que devia ser feito*

*Lindberg levanta-se bruscamente com os olhos a chisparem ódio*

*O que devia ser feito? Invadiste propriedade alheia, só me pergunto se do outro lado não te viram pular a janela*

*Esqueces que fui teu marido, que convivi em paz com os vizinhos quando aqui ficávamos, que ainda cá venho de vez em quando para trocarmos impressões?*

*Apetece-me pôr-te daqui para fora*

*Põe-lhe a mão no braço. Acalma-te, Ella... é tudo em nome da investigação*

*Agora entendo porque não havia registo do veículo que Axel conduzia... tudo em nome da investigação*

Instala-se um silêncio incómodo. Joana aproveita a surpresa do oportuno som de uma buzina ao fundo da rua: o táxi acaba de chegar. E sai.

## XII.

O passageiro olha em todas as direcções, aliviado pelo fim da viagem. Apanhou o comboio em Paddington, Londres, há duas horas e vinte minutos. Reconhece que o percurso desde Waterloo é mais bonito, mas não está arrependido. Não suportaria nem mais uma hora de viagem. Tem sido perseguido pelo mesmo pesadelo noites seguidas... quanto mais depressa o tormento acabar, melhor.

Deve ter entre cinquenta e sessenta anos. O cabelo embranquecido, já ralo, está levantado de forma irreverente por uma espessa camada de gel. Tem o rosto tenso, segura uma maleta de mão de reduzidas dimensões. Atravessa agora a sala principal da estação de Saint Davis, em Exeter, no Sudoeste de Inglaterra.

Uma senhora de meia-idade acena-lhe discretamente da porta. Bonita, magra, elegante. Os cabelos cinzentos sobre as maçãs do rosto dão-lhe um ar distinto, o vestido de cor púrpura devolve-lhe as formas de donzela. Devon é um condado conhecido pela amenidade do clima, mas por alguma razão puxa a capa preta de lã até a gola lhe roçar a pele rosada. Os olhos, de um azul forte como a cor das violetas, mantêm um brilho intenso. Só as rugas acentuam uma dor recente e funda, mormente nos cantos da boca que se elevam para amparar o sorriso triste.

Poucas palavras entre ambos. O recém-chegado beija-lhe a mão, arqueia o braço esquerdo onde o braço dela se apoia. Lá fora levanta a cabeça para o céu de um azul puríssimo fundido com a luz da tarde. Tufos brancos de nuvens vão deslizando, devagar, empurrados por um vento aromático que lhe traz recordações. Há muito que não pisava o chão de Exeter, remetido a uma itinerância auto-imposta por terras estranhas. Agora retorna para o que der e vier.

Repara no *Bentley Mulsanne Sedan* de primeira geração, estacionado do outro lado. Qualquer um daria por ele: azul-metalizado, grade frontal com o logótipo imponente, impecavelmente limpo. Um automóvel de luxo, robusto, mal acusando o desgaste de anos. O motorista de pele cor de cho-

colate espera-os com o boné na mão esquerda, a direita no fecho da porta de trás. Há um cavalheiro de idade avançada sentado no canto esquerdo do banco. Tem uma das pernas encolhida, a outra ligeiramente esticada. O braço direito parece um tronco seco pousado sobre a coxa, com a palma da mão virada para cima. A esquerda segura o castão prateado de uma bengala antiga deitada no colo.

Sem desmanchar a linha severa dos lábios, saúda o recém-chegado com um discreto aceno, quando ele se prepara para ocupar o lugar à esquerda do condutor. Nota-lhe desconforto, insegurança ou constrangimento no pigarrear insistente, à medida que se acomoda no banco de forma desajeitada. Esboça um sorriso assimétrico. O motorista acaba de lhe sacudir a aba do blusão da caixa de mudanças, pedindo-lhe depois que feche melhor a porta e suba o vidro da janela.

O recém-chegado expira ruidosamente. *Um funcionário irritantemente zeloso*, pensa, retesando os músculos da face. O condutor permanece imperturbável. Só põe o automóvel em movimento quando sente que os aros estão bem instalados, protegidos das correntes de ar. E manobrando com cuidado, começa a viagem silenciosa para noroeste, rumo à aldeia de Marlborough.

Cruzam as colinas de South Hams, uma paisagem rural de charnecas e muros de calcário. De quando em quando uma casa grande marca domínios senhoriais — entradas francas, fachadas orgulhosas, altas chaminés. Depois os campos verdes, o ar purificado pela maresia. Alcançam o centro do lugar, calmo e agradável, com a torre da igreja de All Saints a dominar toda a aldeia. No ponto mais alto do lugar, protegida de incursões inimigas ao longo da História, é uma sólida referência arquitectónica para as povoações vizinhas

Em frente de uma pastelaria o motorista trava, buzina duas vezes. Levanta o boné uns centímetros, coça a cabeça transpirada. Ninguém aparece. Desliga o automóvel e encaminha-se para a porta do estabelecimento. Antes de lá chegar aparece um rapazote de cerca de catorze anos, de avental branco e touca de pasteleiro. Entrega-lhe uma caixa de cartão, engordurada, que ele arruma na bagageira. O cheiro a rum e canela entranha-se no automóvel, fazendo apelo urgente a uma chávena de chá.

De novo ao volante o condutor ajeita o boné, faz uma continência ao rapaz, um ritual que ele deve apreciar. Afasta-se do centro, retomando o cenário bucólico de animais no pasto, pequenos aglomerados de casas pintadas de branco, celeiros de madeira rodeados de cancelas. Habitações recentes traduzem a pressão urbanística por exigências turísticas, mas os planos directores vão controlando o movimento, incentivando a recuperação de *cottages* nos vales deitados até ao mar. Algumas foram transformadas em

estalagens, o tipo de alojamento mais requisitado por forasteiros seduzidos pela beleza da costa.

Dois quilómetros depois, a seguir a uma curva apertada, lá se avista Camden House, no terraço ao cimo da colina: paredes de pedra cinzenta, portadas de ripas brancas, quatro chaminés espessas a rasarem o tecto de nuvens. O automóvel geme num derradeiro esforço para engolir o último pedaço do percurso íngreme, depois transpõe o portal como se expirasse.

Não há árvores no terreiro em frente da casa, só arbustos ponteando a relva cortada a meio por um caminho de gravilha. De um lado e do outro da mansão, tufos de roseiras encostados aos muros de pedra, esqueletos de buganvílias que hão-de florir entre o roxo e o anilado. O bosque denso, uma mescla de verdes intensos, fica por detrás, a rama das árvores mais altas a roçar o beiral do telhado.

Um mordomo idoso e magro, de pé no meio do alpendre, fala lá para dentro pela porta semi-aberta. Uma criada de touca branca espreita com a mão na boca, como se temesse expor-se completamente. Não fora a presença de ambos, a casa lembraria um castelo abandonado às divindades campestres.

O mordomo aproxima-se do automóvel, abre a porta de trás. Numa vénia exagerada ajuda a senhora a sair da viatura. Passa a bengala do amo ao motorista, já perfilado atrás dele. Com um braço pelas costas do ancião e outro sob os joelhos angulosos, puxa o corpo para a beira do assento. Roda-lhe as pernas para se firmarem a direito, no solo. Ajuda-o a erguer-se, amparando-lhe o braço esquerdo. Nessa altura o motorista entrega a bengala ao ancião e caminha do outro lado. Sem a força de ambos o seu corpo rígido não venceria os degraus que levam ao patamar de entrada.

A senhora adianta-se. A sua figura esguia ainda não perdeu a energia das mulheres de Camden House. No limiar do salão dá ordens à empregada, antes de sugerir ao recém-chegado um descanso breve

*Vá até ao quarto de hóspedes descansar e refrescar-se, Dan. Esperamo-lo na saleta pelas cinco menos um quarto para o chá e para a conversa que se impõe*

O visitante dá uns passos... detém-se. *Diz-me qual é o quarto, Sarah? Desculpe, já me esquecia... ao fundo do corredor, do lado esquerdo*

Sobe agora, aliviado. O quarto onde costumava ficar deve estar fechado à chave. Tanto melhor. Abre a porta do novo espaço, puxa a colcha para trás, estende-se na cama antes de tomar um duche. O tempo não é muito, conforme irá notar as duas horas de intervalo passam depressa. De repente é invadido por vagas de angústia e medo. Teme os próximos minutos mais do que tudo na vida.

Diante do espelho, a seguir ao banho tépido, dá os últimos retoques no

cabelo grisalho, ajeita o colarinho da camisa lavada. Estende sobre a cama o blusão e o colete. Opta pelo primeiro. Ensaia ainda um trejeito parecido com um sorriso, mas desiste. Sorriso que não é franco não passa de um esgar. Puxa a porta do quarto com cuidado, a mão tremente. A meio do corredor hesita, vigiado por retratos das famílias Camden e Brownlow, depois procura recompor-se. Não vai enfrentar um pelotão de fuzilamento, só prevê ficar, na próxima hora e meia, debaixo de um fogo de palavras num ataque cerrado. Não poderá vacilar.

### XIII.

Joana não diz à sua anfitriã nem a Lars para onde vai. Nem ela sabe, ainda. Já no carro pede ao condutor que a leve a um hotel qualquer de quatro estrelas não muito longe do centro. O homem brinca com ela

*Em Stockholm é tudo perto, minha senhora... pode ser do outro lado?*  
*Claro, como quiser... só gostaria de passar pela rua da embaixada portuguesa*

*Sei onde fica... perfeitamente*

Num instante atingem o outro lado da cidade a nordeste de Gamla Stan, depois de contornarem a Praça Gustavo Adolfo e o edifício da Ópera. Atravessam Östermalm, um bairro residencial rasgado por belas avenidas. *Ali está a embaixada* — e o motorista aponta o número 32 da Narvavägen, abrandando antes de curvar para ocidente. *Se precisar de recorrer, já sei onde fica* — murmura Joana. Passam os limites do Humlegården com a Kungliga Biblioteket. O condutor começa a reduzir a velocidade. Segundos depois encosta à direita

*Chegámos, minha senhora, esta é a Birger Jarlsgatan e o edifício à direita o Best Western Kung Carl*

Joana sai para o passeio, quase tão largo como a rua, coberto de árvores frondosas. Devem estar no limite de Östermalm e Nörmalm, uma fronteira agradável. Olha a imensa porta dupla de madeira clara, maciça, sob um toldo funicular rosa-malva. É a entrada do hotel, sólida construção cor de basalto que deve ter mais de cem anos. Com o motor a trabalhar o motorista ausculta a impressão dela, apontando a praça escassos metros à frente

*Ali é a Stureplan, servida por muitos transportes e lojas atractivas. As galerias têm de tudo, até uma livraria soberba. Mas se quiser andar a pé, vira à direita e segue em frente pela Kungsgatan durante cinco minutos. Num instante encontrará à esquerda a Hötorget e a Drottningatan, a rua pedonal que a levará a Gamla Stan*

*Já sei onde estou... não é longe da Estação Central*

*Então vamos entrar?* — e desliga o automóvel

Mergulham na recepção do hotel. Atrás do balcão duas raparigas louras vestidas de negro acolhem-nos com moderada simpatia. Garantem que há um quarto de solteiro livre, pequeno mas acolhedor. O condutor tem um sorriso nos lábios

*Então, minha senhora... agrada-lhe o aspecto do hotel?*

*Acho que sim, a primeira impressão é favorável*

*Vou buscar a bagagem, se não se importa*

Joana sai com ele. Sente-se leve, apetece-lhe respirar sem constrangimentos. Fica no passeio enquanto ele transporta a mala lá para dentro. Paga o valor da corrida, despede-se ainda cá fora. Distraída a olhar a rua, dá pouca importância a outro táxi com o sinal ligado, mais atrás, que vem ocupar o lugar do anterior.

O que de inesperado acontece a seguir é obra de segundos. Está ela de cabeça inclinada a apreciar a fachada do prédio quando um homem espadado, de tipo mediterrânico e cabelo louro pintado, se aproxima pelo flanco direito ousando roçar-lhe o corpo. Sente-lhe o hálito forte de aguardente, a respiração apressada. Ordena a meia voz, num inglês mesclado, que caminhe à sua frente sem dar nas vistas. O pior é que lhe aponta o cano de uma pistola sob a gabardina castanha.

Durante segundos fica paralisada, sem conseguir reagir. Depois é obrigada a rodar o corpo para atravessar a rua com a arma a roçar-lhe as vértebras. O indivíduo treme mais do que ela. Coloca-se agora do seu lado esquerdo, empurrando mais a pistola com a mão direita. Nisto ruído de outro carro em movimento naquela direcção. O instinto sugere-lhe aproveitar a distração do atacante, de repente a enfrentar o veículo como um toureiro a imaginar a faena.

E corre para a porta do hotel, empurrando-a com força. O coração bate-lhe no peito como os cascos de um cavalo. Antes de mergulhar no sofá mais afastado do *lobby*, ouve uma travagem brusca, um impacto seco e rápido. Depois gritos, buzinas, um emaranhado de sons... Não sabe bem o que sente. Uma amálgama de sentimentos molda os amargores da segunda aventura na mesma manhã, com as recordações da primeira coladas à sua sombra. Tudo é denso, espesso, e ameaça subir-lhe à boca em vômitos compulsivos.

As funcionárias da recepção ignoram-na. Amontoadas no limiar da porta falam de um atropelamento, da correria lá fora, de gente a tentar reanimar o acidentado. Ouvem-se sirenes de polícia. Cinco minutos depois chega uma ambulância, conforme os relatos em diversas vozes. Ainda sentada, a jovem integra tudo de forma estranha. As mensagens são editadas na sua cabeça e saem novamente, para estabelecer uma ligação perceptiva

com o exterior. Ouve o diálogo entre o director de pessoal e uma das recepcionistas

*Quem é o indivíduo, afinal?*

*Não parece conhecido, estava rente àquela senhora* — e aponta na direcção dela

*A pistola ali no chão, é dele?*

*Não sei, saltou-lhe da mão.* Interessante resposta. Saltou-lhe da mão, seria dele?

O barulho vai morrendo aos poucos, o tempo passa ao lado, como se ela não fosse testemunha presencial dos acontecimentos. Não sabe que horas são, parece tarde feita. O homem é levado para o hospital, dizem as funcionárias a voltar aos postos. Ela não é capaz de pensar, nem de subir ao quarto.

Uma hora ou um minuto depois, não consegue precisar, entra um indivíduo de blusão escuro que lhe fala de manso. Não obtém resposta. Sentado agora do seu lado esquerdo, fixa-lhe o perfil debitando frases que não fazem sentido. O que dirá? De repente ousa pousar-lhe a mão direita no ombro, apresentando-se como seu salvador. Ao mesmo tempo do balcão alguém comenta que vinha ao lado do motorista que atropelou o indivíduo. Joana roda a cabeça na direcção do homem... estremece: é o condutor do táxi que a trouxe de Arlanda a Gamla Stan, a personagem de quem queria distância

*Você? — balbucia, aparvalhada*

*É verdade. Acalme-se, foi um acidente. Esperávamos que o indivíduo a largasse e fugisse para o passeio, em vez disso resolveu permanecer no meio da rua, portanto...*

Pergunta-se duas vezes o que tem Axel de diferente desde a última vez que o avistou. Só depois lhe nota a falta do bigode farfalhudo, o cabelo mais claro, a intensidade do olhar. Parece outra pessoa, sem o aparato piloso sobre o beijo superior, sem a espessura da cabeleira negra como um tufo de carqueja. Convida-a para almoçar ali mesmo, no restaurante do hotel, dispensando formalidades.

Quer responder alguma coisa, não sabe o quê. Abre e fecha a boca como um peixe em agonia, os olhos fixos nos dele. Até que a funcionária que há pouco recolheu a mala interrompe de forma tão desajeitada como a sua hesitação. Tem a planta do hotel na mão esquerda, com a direita estendendo-lhe o cartão com o número do quarto no quinto andar

*A senhora quer subir para dar uma vista de olhos ao quarto?*

Axel toma as rédeas do seu destino próximo

*A Dr.<sup>a</sup> Joana não conhece o hotel, mas parece-me bem essa orientação*

Continua a olhá-lo como animal abandonado diante de um dono pro-

videncial. Encontra-se de novo dependente de estranhos, mas desta vez até lhe sabe bem. A recepcionista continua ali parada, o seu salvador levanta-se

*Deve querer mudar de roupa, descansar uns minutos, não?*

Acena afirmativamente, sem controlar ainda as emoções. De nada vale resistir. Antes de obter resposta, já ele toma como certa a aceitação do convite

*Espero-a daqui a meia hora... parece-lhe bem?*

Dá-lhe uma ajuda a puxar a mala até ao elevador da esquerda, passa-lhe a mão pelo ombro antes de simular sair do hotel. À medida que vai subindo dentro da estrutura, metade de alumínio e aço, metade de vidro no lado exposto ao átrio, a jovem consegue ter uma perspectiva da entrada. Desse modo percebe que Axel não saiu do edifício, continua à conversa com as funcionárias da recepção.

Já lá em cima contorna o corredor com janelas para a rua de trás como o seu quarto pequeno. Uma autêntica casinha de bonecas, pouco diferente do quarto onde dormiu até aos doze anos. Encosta-se à cabeceira da cama. Precisa de relaxar uns minutos antes de comunicar mais um incidente, no caso um sério acidente, a Pedro Silva Luz. Ele que ajude a decidir se deve ou não ficar no hotel.

#### XIV.

**A** luz nos campos de Marlborough vai declinando suavemente, enquanto se desprende o cheiro bom das flores outonais. Mas os aromas de chá e *apfelstrudel* no salão sobrepõem-se aos outros, afagando o espírito perturbado do visitante.

Sarah chama-o para junto da lareira acesa, batendo com a ponta dos dedos no cadeirão à direita, em frente ao do seu marido. Ela ocupará a cadeira do centro diante da mesa de apoio, onde a travessa de bolos e o bule vitoriano já aguardam

*Venha para aqui, Daniel... chá com leite?*

*Estou a precisar de uma chávena... pode ser com leite*

*Um scone, uma fatia de strudel?*

*Prefiro o apfelstrudel, o aspecto é delicioso*

De repente silêncio, um preâmbulo constrangedor cortado pelas batidas do relógio de parede. Daniel continua tenso. Seria a sua velha falta de tacto, rejeitar os scones caseiros com doce de laranja amarga? Não... mais certo é todos temerem o mergulho no assunto delicado. Ocorre-lhe falar de automóveis, virado para a senhora Brownlow

*Não sabia que tinham um Bentley... E sorri de forma pouco polida*

*Nem podia saber, é uma compra recente para satisfação de um idoso, meu querido. Não é vaidade, desejo de ostentação... é mais uma homenagem a Sir Walter Bentley*

*Não me diga... Daniel acentua a ironia às palavras, olhando de esguelha para Mr. Brownlow*

*Pois é... o pai do meu marido era ferroviário na Great Northern Railway, aonde Walter Owen Bentley foi parar em 1905. Acompanhou o percurso do jovem que em 1919 fundava, com o irmão, a Bentley Motors... falava da sua inteligência e ambição com muito fervor. Ainda Edward era criança já espalhava pela casa a admiração pelo génio de Owen, o sonho de ter um carro daqueles. Nunca conseguiu, é claro*

*Estou a ver... e Mr. Brownlow não desistiu de satisfazer a ambição do pai...*

O idoso levanta a cabeça na direcção do visitante, acusando a recepção de um pingo de ironia pela segunda vez. Sarah também dá por ela, mas ignora a provocação, decidida a terminar a história

*Um dia puseram à venda este modelo que pertenceu a um dos Beatles. Estava em muito mau estado. Thomas adquiriu-o o ano passado, mandou-o recuperar, pediu que o pintassem da cor preferida de Edward. E o sonho antigo do meu marido foi satisfeito, honrando a memória do pai e de Sir Walter Bentley*

Sorve uns goles de *Early Grey* da Twinings com os olhos fechados. Era o preferido de Tommy. Respira fundo, espera uns segundos. Depois, como se tivesse entrado numa dimensão diferente, abre caminho para a branda hostilidade com o prato nos joelhos e a chávena na mão, a fumar

*Conte-me pormenores, Dan... estava com ele em Estocolmo quando tudo se passou?*

*Lamentavelmente não... Viajámos em separado para destinos diferentes, depois de passarmos uns dias na casa de Aljezur. Tommy voara para a Suécia para fazer alguns contactos com os media e instituições culturais, eu partira para South Kensington para falar com o nosso editor em Londres*

*Quem tinha acabado de escrever um livro, ele ou você?*

*Ambos tínhamos terminado novelas, recentemente. Era assim que funcionávamos*

*Porque foi acontecer uma fatalidade destas, Daniel, logo com o nosso Thomas?*

*Não faço ideia nenhuma, Sarah... por mais que tente, não faço*

O idoso tira os olhos da lareira. Chispam como as brasas incandescentes. Encara o rosto do convidado, logo enterrado na chávena. Fala então como se chegasse de longe, a pronunciar as consoantes labiais com muita dificuldade

*Como não faz ideia? Vocês partilhavam a vida... Thomas há-de ter deixado algum indício que permita conclusões*

*Ouvi rumores, quase todos sem fundamento, Mr. Brownlow, mas não sei quem possa ter sido, tem de acreditar em mim*

Há quase desespero nas últimas palavras, um desespero que não comove o idoso. Turvando a serenidade inicial com um tom acusador, é a sua vez de castigar o visitante com velada ironia

*Saber quem foi é trabalho das autoridades, não-de lá chegar um dia, tenho a certeza. Neste momento só gostaríamos de perceber porquê*

Está vermelho de raiva, as mãos a tremerem convulsivamente. A mulher inclina-se para o lado esquerdo. Ruborizada pelo constrangimento, toca-lhe no ombro

*Então, meu querido, esqueceu-se do acidente vascular cerebral recente? O médico repetiu-lhe tantas vezes que não podia exaltar-se...*

E com firmeza, encarando o visitante

*Consegue notar em Edward os estragos que o acontecimento causou, Dan? Tommy era o nosso único filho, esperávamos que casasse no condado, que nos desse netos lindos, herdeiros destas terras num raio de cem quilómetros. Afinal acabou assim...*

*Ninguém lamenta mais do que eu, mas nada posso fazer*

Sarah fixa no rosto dele o olhar semicerrado, como se o visse pela primeira vez. Será este o companheiro a quem o filho se referia com tanto afecto, nos primeiros tempos de vida em comum? Como pode falar da morte dele, uma morte tão violenta, com esta frieza toda? E volta a castigá-lo, agora sem ponta de remorso

*Então a hipótese das desavenças por causa da autoria dos escritos caiu por terra e você não foi considerado suspeito... é assim, Daniel?*

*Pelo menos até agora ninguém me convocou para interrogatórios*

O cavaleiro pouisa a chávena com ruído, vertendo parte do chá sobre o tampo da mesa. Endireita o tronco, fixa o estranho — aquele que já foi de casa — com desprezo. Não tenta disfarçar a raiva, o tom de voz diz o que lhe vai na alma

*Estranho que nem sequer o tenham convocado para interrogatórios... ou será que não estava disponível, nem sequer no apartamento de Londres?*

Seguem-se minutos de profunda tensão. O casal tem agora o olhar cravado em Daniel à espera de uma resposta. Por fim há uma confissão penosa

*Se já sabem que não estava disponível, confirmo. Fiquei tão abalado com os acontecimentos que só me deu para andar de um lado para o outro. Primeiro fui até à casa de Aljezur, depois fui passar uns dias a Bigbury-on-Sea*

Sarah respira de alívio. Esperava há muito tempo que ele se aproximasse da verdade

*Bem sabemos que lá passou uma noite antes de mudar para Lundy. Velhos amigos de Edward, do tempo em que ele gostava de pescar, telefonaram-nos logo. Ficámos magoados por não nos ter procurado para um abraço solidário, por não dar o seu parecer às polícias quando se justificava fazê-lo. Tommy fora assassinado...*

*Não me queria convencer da morte dele, Sarah... procurava afastar-me de tudo que mo pudesse lembrar. Mas estou tão ansioso como vocês por conhecer os culpados*

Os olhos de Edward ganham nova vida, como se algum detalhe o tivesse remoçado. *E quem lhe disse que há mais do que um culpado?*

Daniel empalidece, fica vermelho, depois. Não lhe agrada o tom de voz do idoso, a pergunta carregada de intenções. Como se atreve Edward

Brownlow, um comerciante pobre que casou com uma jovem herdeira da nobreza rural, a fazer-lhe perguntas embaraçosas? Pousa a chávena bruscamente. O prato com o resto de *strudel* cai-lhe aos pés. Não se inclina para apanhar os restos. Levanta-se irritado e começa a subir as escadas, perseguido pela voz do idoso

*Isso, dê as costas em vez de responder...*

*Não respondo a insinuações maldosas*

Sarah levanta-se também, desolada com o rumo do encontro, ofendida com a desistência insultuosa de Dan

*Desça, Daniel... vamos conversar civilizadamente*

O visitante não se detém, mastigando recriminações à medida que se afasta. Só nos últimos degraus vira a cabeça para trás

*Perdoe a minha atitude, Sarah, mas não gosto de ser ofendido. Preciso de um táxi para me levar ao centro da aldeia, vou só recolher a mala*

Edward Brownlow repete à mulher que só há um caminho: chamar a Polícia. A criada, de mãos trementes sob o avental branco, acena afirmativamente à entrada da copa. A conversa com Daniel ao telefone animou-os, como se um membro tresmalhado da família viesse dar-lhes apoio moral, finalmente. Agora esse filho idealizado apresenta-se como um estranho distante, insensível à dor dos pais do companheiro. Mas Sarah rejeita a ideia de o denunciar. Não consegue julgá-lo com rigor, prefere acreditar que esteja ainda perturbado com tudo o que aconteceu.

Quando Dan volta ao salão sem articular palavra, diz-lhe que não há táxis disponíveis: *Mas não se enfade, Albert irá levá-lo... não o quero a percorrer os campos a pé só porque nos desentendemos*. Ele começa por declinar, mas depressa se deixa convencer, pesando a distância até à localidade. Para atenuar a rudeza de há pouco informa que deverá partir no dia seguinte para a ilha de Lundy, onde estivera quase anónimo a seguir ao crime. Depois sai para o terreno, entra no automóvel, fecha a porta com força desnecessária. E sem corresponder ao aceno cortês de Sarah Camden, no pátio das escadas, vira a cara para o lado quando o carro se afasta.

## XV.

A vida, a morte — pensa Joana sentada na cama, de olhos fechados, a rever os últimos anos. Há fracções de tempo em que o olhar agarra fios de luz vividos e os entrelaça com outros por viver, a cabeça ocupada a tecer relatórios de ontem, de amanhã. Hoje, agora, esta porção de existência ao alcance da mão, fica a planar na linha do horizonte, mais longe do que passado e futuro. Porque não alimentamos a vontade de a vestir de cores alegres? Só a cor sépia do que foi e o matiz do que será, têm magia?

Atira o caderno para o *maple* de pele, por detrás do reposteiro castanho de veludo. Está a chover. Gotas gradas e esparsas soam na mesa pequena, esquecida no *deck* da varanda. É um quarto com pouco mais de nove metros quadrados, com cama de corpo e meio. O papel de parede é moderno, de padrão invulgar: árvores a negro esfumado, maçãs de um vermelho esbatido como se fossem borrões. Se o visse em amostra nunca alcançaria aquele efeito elegante. Não há mesas-de-cabeceira. Os candeeiros são dois braços flexíveis de metal, aparafusados na parede, rematados por lâmpadas fluorescentes. Há depois um armário alto e estreito, do lado esquerdo da cama, pintado de vermelho como as portas da entrada e da casa de banho. Completam a decoração uma secretária sob o plasma, um relógio antigo que não funciona e dois quadros, reproduções de pinturas abstractas de artistas famosos.

Afasta o reposteiro espesso, depois o cortinado bege. A curiosidade mergulha no interior dos prédios, do outro lado da rua. Nos escritórios iluminados não se avista vivalma, como se móveis, computadores, dossiês, fizessem o trabalho sem ajuda humana. Ausculta o movimento do trânsito, lá em baixo, menos acentuado que na rua por onde entrou. Poderia fazer melhor juízo se o tempo permitisse. Tem de se arranjar, alguém a espera no restaurante, daí a nada. Veste um colete quente de pele artificial, alisa o cabelo negro, procura o minúsculo gravador. Aninhado na carteira dará para registar o que Axel disser.

Vinte minutos numa espera ansiosa podem parecer um ano ou mais.

É o espaço de tempo que já leva sentada no pequeno restaurante do hotel. O falso motorista, que ela presumia impaciente aguardando a sua chegada, afinal está atrasado. À sua frente, em três mesas individuais unidas com toalha verde seco, um empregado vai dispondo pequenos pratos com diferentes tipos de comida, uma espécie de *buffet* que os turistas apreciam muito: o típico *smörgåsbord*.

Há pouca gente no hotel, a enchente de há dias minguou, mas o gerente falava-lhe há pouco de reservas confirmadas para os próximos dias. Avizinham-se a votação dos nomeados para os Nobel e as conferências de imprensa para revelação dos resultados. *Este ano* — explicava ele — *nota-se um movimento atípico a condizer com o tumulto levantado pelo caso insólito*. E assumia que, sendo a Suécia um destino seguro, um crime como o de Setembro baralhava toda a gente. Joana concorda. Adensa-se o mistério, o ambiente palpita. Com a revelação dos laureados à porta e os fragmentos da investigação em suspenso, parece iminente nova avalanche de jornalistas. Maior afluência só nos primeiros dias de Dezembro, quando os premiados começarem a chegar.

Finalmente o seu salvador aparece com um sorriso contido. Puxa a cadeira, pede desculpa pela demora, senta-se. Mas não é só o sorriso que intriga Joana, é o rejuvenescimento completo

*Não me diga que mudou de aparência para o almoço...*

*Só mudei de camisa... tinha de caprichar um pouco para combinar consigo. Mas agrada-me que pareça outra pessoa, com melhor disposição*

*Para combinar com a sua... nem parece que atropelou um homem*

*Eu não atropeliei ninguém, foi o motorista, quando lhe ordenei que agisse depressa*

*Fale-me do estranho... quem é?*

*Não, não vou falar agora... só lhe direi que foi hospitalizado, de modo que está a ser assistido com o rigor que se impõe*

*Ele atacou-me, quero saber porquê...*

*A seu tempo, tenha calma. Vamos almoçar primeiro*

Axel deve ser um homem pragmático, frontal, de modos correctos. Directo nas perguntas e firme nas respostas. Mas por alguma razão não quer responder agora e assume-o sem floreios. Joana arriscaria dizer que exerce funções de chefia, deve estar acostumado a fazer só o que entende. Conversa agora com ela de igual para igual, viciado em *portanto, de modo que...*

*Desculpe tanto susto, tanta mentira, Joana, mas às vezes é o caminho disponível*

*Achei muito estranho o seu comportamento desta manhã, desaparecer daquela forma nas ruas de Gamla Stan... mas o de há pouco não tem precedentes*

Ele continua a olhá-la fixamente, nem sério nem divertido. Esboça apenas um sorriso que ela se apressa a fazer esmorecer

*Se pensou encobrir o ataque que o indivíduo me fazia, não obteve êxito... deve ter atraído mais atenções com aquele aparato todo*

*Também será verdade, o que não convém ao trabalho de um investigador da Polícia de Segurança, mas nem sempre actuamos nas condições ideais*

*Polícia... foi o que Lars sugeriu, mas ontem parecia mesmo um motorista de táxi*

*A vida é um palco em movimento e nós actores, não se esqueça. Durante essa representação ininterrupta somos obrigados a assumir diferentes papéis*

*Já agora, tem como provar que é mesmo investigador da Polícia?*

Axel atira a cabeça para trás para soltar uma gargalhada breve

*Neste hotel todo o pessoal me conhece... espere um pouco*

Joana fica atenta aos ínfimos gestos do estranho. Quem será afinal este Axel, amigo de Lars Sjöström, o homem do boné xadrez? Atitude não lhe falta no modo como analisa o seu rosto enquanto ele rebusca alguma coisa no bolso interior do blusão. Os olhos azuis-escuros, mais intensos sem a sombra do bigode, animam-lhe o rosto quando, finalmente, apresenta o distintivo da SÄPO

*Aqui tem, é verdadeiro — e volta a dar uma risada*

*Polícia mesmo, estou pasma... Axel Gustafsson*

*Comissário da Polícia de Segurança, investigador há mais de vinte anos*

*Então como mergulhou neste caso a fazer de subalterno?*

*Fazer de... diz muito bem. Disfarcei-me para ir ao aeroporto, mal recebemos a notícia da chegada de um suspeito. A combinação anterior com Sjöström — ir apanhá-lo — ficava sem efeito. De repente avistei-a... como a sua segurança é importante de mais para nós, tratei de fazer o que se impunha*

*Está a insinuar que preciso de protecção?*

*Tendo em vista o que aconteceu há pouco, pode correr perigo, sim*

*Deve estar a brincar...*

Assume agora uma expressão despida de ironia que só impõe respeito à rapariga

*Cara Dr.<sup>a</sup> Joana, não costumo brincar com situações tão sérias. O que há pouco se passou devia chegar-lhe como aviso. Aconteceu um homicídio, os culpados andam a monte. Os peritos que possam contribuir para chegar a eles precisam de protecção...*

*Espero que me conte tudo agora*

*Mais tarde, agora vamos saborear um belo smörgåsbord*

Fá-la mudar de mesa. Dos frutos do mar aos pedaços de carne, *snacks*, batatas salteadas, depois aos queijos e doces, tudo satisfaz o palato de Joana, por momentos esquecida do episódio anterior. Mas a satisfação não é ple-

na, a refeição começa a pesar-lhe no estômago. Partilha com Axel a frustração por não poder circular livremente. Ele abre os braços em cruz, desolado com a impressão que as suas palavras causaram, e tenta corrigir o sentido

*Vamos ver se nos entendemos, Joana: pode andar por aí à vontade, estamos num dos países mais seguros da Europa, embora o incidente de há pouco pareça contrariá-lo. Depois, desde o anúncio da vossa chegada, sua e dos seus colegas, o nosso plano de segurança passou a ser reforçado*

*No entanto...*

*No entanto o caso que investigamos é complexo. Ainda não estão esclarecidas as motivações que levaram à morte do inglês, não conhecemos a verdadeira identidade dos culpados, não sabemos como se movem. Daí solicitarmos a vossa colaboração*

*Que tipo de colaboração...*

*Pedimos que nos comuniquem aonde vão. Não queremos vigiar, só prevenir... Por exemplo, o que pensa fazer hoje?*

*Precisava de me deslocar à Embaixada de Portugal, depois queria encontrar-me com um investigador do Laboratório de Palinologia*

*Jan Nilsson? Bebe um gole de cerveja*

*Como sabe?*

*A mente humana dita normal é bastante previsível. Nilsson é um dos grandes palinólogos forenses do mundo. Lidera a equipa sugerida pela tutela para integrar a investigação, tem ideias concretas sobre o crime e os criminosos. De modo que, como única jornalista palinóloga na capital, calculámos que havia de querer conhecê-lo*

*As ideias de Nilsson podem levar ao assassino?*

*Nem tudo foi ainda divulgado como calcula, Joana... mas talvez sim*

*Sugeriu que o ataque que sofri, e que tomei por um assalto, é a configuração de uma ameaça latente. Pode dar-me uma ideia do vosso plano geral de protecção?*

*Axel ousa uma gargalhada mais sonora*

*Você é muito hábil, Joana, mas está a lidar com um homem experiente em matéria de rasteiras. Se lhe adiantar pormenores do plano, pode chegar a conclusões que ainda não divulgámos. Amanhã, antes da hora do jantar, daremos uma conferência de imprensa... todos os jornalistas ficarão ao corrente do que importa*

*Parece-me justo, mas assumiu que eu corro maior perigo... terei então o direito de saber um pouco mais sobre o assunto*

*Quanto menos detalhes souber, melhor para si, acredite. Dê-nos apenas conta do que pensa fazer para a podermos proteger*

Joana finge aceitar. A conversa assume um carácter informal a rondar detalhes do Nobel, o nome de autores suecos e membros da Svenska Aca-

demien. Pergunta-lhe se o escritor assassinado e o companheiro eram muito conhecidos nos meios culturais de Estocolmo. Axel responde com ironia

*Os nomes sim, pela circunstância de haver disputa da autoria de alguns títulos... os livros nem por isso, portanto...*

*Mas não serão os nomes falados por causa da projecção da obra?*

*Nem todo o público privilegia a qualidade literária, uma significativa parte é sensível às jogadas publicitárias que ditam as maiores tiragens... você deve saber*

*E na sua opinião, baseadas em que ingredientes?*

*Diversos, com o denominador comum do mediatismo dos autores. Um nome pode projectar-se para além daquilo que vale*

Ficam por ali durante mais de uma hora, depois Axel invoca compromissos para se despedir. De volta ao quarto Joana ainda não sabe como vai preencher a tarde. Conseguiu saciar-lhe a curiosidade inventando um plano, à pressa, mas não faz questão nenhuma de o respeitar. Deitada de bruços na cama, passa em revista a conversa durante o almoço, rebobinando a fita do gravador. Não esteve mal. O comissário não reparou que o diálogo estava a ser gravado, acha ela, e acreditou quando fingiu aceitar os seus termos.

Falou de *assassinos*, como se soubesse que há mais do que uma pessoa envolvida, mas ela não acredita em novos ataques. Foi um acaso infeliz. Tão-pouco aceita a versão de correr perigo maior. Porque estariam os culpados interessados na sua pessoa só pelo facto de ser palinóloga forense?

Analisa o registo de chamadas, no telemóvel. Quatro contactos, três deles previsíveis. Numa mensagem de voz Pedro Silva Luz quer saber quais os planos para os próximos dias, preocupado com as novidades da manhã; Lars Sjöström convida-a para um lanche no Sofo, em Södermalm; Ella Lindberg insiste num encontro para combinarem a visita ao local do crime.

O quarto telefonema é uma surpresa maior. Nilsson, que ela tanto queria encontrar, antecipa-se ao seu desejo. Sugere uma troca de impressões sobre a importância da matéria que ambos dominam na descodificação dos dados. Só pode ter sido Axel Gustafsson a fornecer-lhe o contacto. Verifica os detalhes da mensagem. Perplexa repara que foi enviada antes do almoço...

Decide não assumir compromissos. Tirando a conversa com Pedro, enquadrada por padrões diferentes, sossega cada um dos outros com uma mensagem rápida, prometendo retornar uma chamada mal tenha organizado a agenda. Afinal precisa de ganhar tempo. Continua tão baralhada em relação a certos pormenores como de manhã na casa de Ella Lindberg.

Alinha ideias, telefona ao repórter de imagem a dar a morada do hotel. Procura a lista de nomes de colegas que já devem estar na cidade. Kendryck

O'brien é o primeiro. De origem irlandesa pelo lado paterno, nascido em South Kensington, fez-lhe companhia há quatro anos, quando investigavam em Estocolmo outro homicídio enigmático. Têm comunicado pouco, mas as amizades bem construídas têm paciência mítica. Ainda trocaram *e-mails* regulares. Joana previa então outro encontro numa paragem qualquer. Os acontecimentos que lhe mudaram a vida alteraram as rotinas mais saudáveis. Nunca mais conseguiu devolver a O'brien o afecto que lhe adinvhara.

Marca o contacto dele. Se já estiver na Suécia por causa dos prémios, não deixará de partilhar com ela informações adicionais sobre o escritor assassinado, sobre o curso da investigação, sobre o alegado perigo em que Gustafsson tanto insiste. Há impulsos que valem a pena. A chamada é atendida. Sente-lhe a carícia nas palavras comuns

*Viva, minha querida... então já chegou a Estocolmo?*

*Cheguei ontem a Gamla Stan, e você?*

*Eu aluguei um apartamento em Uppsala*

*Essa agora... julgava-o na capital, porque foi aí parar?*

*Olhe, sei lá porquê — e depois de uns minutos de silêncio: Talvez por me atrair esta calma desde o tempo em que estudava aqui, na universidade*

*Não sabia que tinha estudado aí, da outra vez não me disse*

*Pois estudei... depois voltei cá algumas vezes para visitar um grande amigo e agora optei por me instalar no mesmo apartamento onde já vivera. Chega como explicação?*

*Como quiser, vou fingir que acredito que é por causa dos amigos. E como se desloca para a capital?*

*Aluguei um automóvel, mas não esteja com ideias, ando sempre de transportes públicos, práticos e pontuais. Se quer vir até cá amanhã, venha de autocarro*

*Ainda não lhe disse que ia ter consigo, pois não?*

*Não, mas só lhe fazia bem aparecer*

*Então aproveito a deixa e vou agora mesmo, que tal?*

*Minutos de silêncio, depois uma risada nervosa*

*Faça isso, sua louca... apanhe o metro em Gamla Stan e vá até à T-Centralen*

*Já não estou em Gamla Stan, estou bem perto da Estação Central*

*Melhor ainda... Daí saem autocarros para fora da cidade, para Uppsala também. O próximo deve partir dentro de trinta e cinco minutos, talvez ainda consiga apanhá-lo. Agora anote onde vamos encontrar-nos*

Joana fica empolgada com a ideia da viagem, mas antes é preciso deixar o hotel sem dar nas vistas, ou sem Gustafsson vir a saber. Tira a gabardina da cruzeta. O tempo anda incerto, dará jeito um impermeável se recomeçar

a chover. Diante do espelho mete as madeixas de cabelo dentro do chapéu de abas redondas, do mesmo tecido da gabardina. Roda o tronco em ambas as direcções: parece ter envelhecido uns vinte anos.

De cachecol no pescoço e óculos de tartaruga, cruza a recepção como uma matrona e corre até à Kungsgatan como uma adolescente. Percorre a rua em passadas largas. À entrada da Hötorget corta à esquerda pela Sveavägen, ansiosa por chegar à Sergels Torg. Aí mete pelos túneis da estação de metro e roda para ocidente, direita à Estação Central. Pára uns segundos, encostada à parede fria. Inspira profundamente. Já lá em cima avista o terminal de autocarros, mais calmo do que esperava. Ken tinha razão, há um quase a sair para Uppsala. O motorista faz-lhe sinal para entrar depressa. A luz da tarde começa a declinar.